

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS  
ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO  
FACULDADE DE JORNALISMO**

**JULIA CARVALHO FACCA  
OSCAR BERTOLDI NUCCI**

**QUE BABADO!  
A HISTÓRIA DO PRIMEIRO JORNAL LGBT+ DE CAMPINAS**

**CAMPINAS  
2023**

**JULIA CARVALHO FACCA  
OSCAR BERTOLDI NUCCI**

**QUE BABADO!  
A HISTÓRIA DO PRIMEIRO JORNAL LGBT+ DE CAMPINAS**

**Relatório de Produção Jornalística  
apresentado à disciplina ATIVIDADE DE  
ORIENTAÇÃO DE PROJETO EXPERIMENTAL,  
da Faculdade de Jornalismo da Pontifícia  
Universidade Católica de Campinas, como  
exigência final para aprovação na referida  
disciplina, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Juliana  
Doretto.**

**PUC-CAMPINAS  
2023**

Ficha catalográfica elaborada por Jerusa Neves dos Santos Lopes CRB 8/10320  
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

305.3 Facca, Julia Carvalho  
F137

q Que Babado!: a história do primeiro jornal LGBT+ de Campinas / Julia Carvalho  
Facca, Oscar Bertoldi Nucci. - Campinas: PUC-Campinas, 2023.

126 f.: il.

Orientador: Juliana Doretto.

TCC (Bacharelado em Jornalismo) - Faculdade de Jornalismo, Escola de  
Linguagem e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas,  
2023.

Inclui bibliografia.

1. Minorias sexuais. 2. Imprensa gay. 3. Jornais - Campinas, SP. I. Doretto,  
Juliana. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Linguagem e  
Comunicação. Faculdade de Jornalismo. III. Título.

23. ed. CDD 305.3

## SUMÁRIO

Introdução.....	5
CAPÍTULO 1 .....	7
1.1. Contextualização do tema e recorte jornalístico.....	7
1.2. Modalidade .....	12
1.3. Justificativa.....	15
1.4. Processo de apuração .....	18
1.5. Seleção de fontes.....	21
CAPÍTULO 2 .....	26
2.1. Desenvolvimento da produção .....	26
2.2. Processo de edição .....	32
2.3. Projeto de divulgação .....	39
2.4. Custos e gastos .....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	43
ANEXOS.....	46

## Introdução

Com foco na militância pela defesa dos direitos humanos, nasce em Campinas, em 1995, o grupo Expressão, primeira organização oficial do tipo no município, criada por integrantes do Conviver, um Programa Municipal de DST-Aids da cidade, após assistirem a uma palestra de Luiz Mott, fundador do Grupo Gay da Bahia, sobre ativismo LGBT+.

Após um ano da fundação do coletivo, surge em 1996 o Babado, publicação do grupo também voltada para a comunidade LGBT+, com o intuito de dar continuidade ao trabalho feito pela organização, e divulgá-lo, por meio de uma estratégia de comunicação informal que tratava de assuntos voltados à sexualidade, comportamento e saúde.

Ao longo de dois anos, foram produzidas 18 edições, que chegaram a ter tiragem de 20 mil exemplares, interrompidas pelo fim precoce do jornal, em 1998, em decorrência de conflitos internos, sobre as abordagens da cobertura, e dificuldades financeiras. Essas disputas editoriais se davam pelo fato de o veículo priorizar a cobertura da noite LGBT+ e o glamour dessas festas, em vez da militância, que deveria ser sua prioridade, seguindo a proposta do Expressão. Do Babado, porém, surgiram outros veículos de comunicação criados pelos ex-membros do periódico, bem como novos grupos de ativismo que buscavam não repetir o que seus criadores viam como erros cometidos pelo Expressão na condução de sua luta por meio do jornal.

Apesar das desavenças, os ex-integrantes do jornal reconhecem sua importância e postura avançada para a época e se recordam das barreiras quebradas por meio da ousadia e da coragem que transpareciam na identidade visual e nos textos do periódico. Foi assim que a publicação ajudou não só seus membros, mas também seus leitores a entenderem e aceitarem sua sexualidade, o que levou a equipe editorial a conquistar um status de celebridades locais na comunidade LGBT+ campineira.

Mesmo assim, a história do periódico foi apagada, esquecida pela cidade. Pensando nisso, este projeto experimental busca recuperar a história dessa publicação pioneira que causou tremores na conservadora Campinas dos anos 1990 por meio de uma reportagem multimídia organizada em capítulos, e disponibilizada no site <https://quebabadocampinas.com.br/>, que explora desde o

surgimento do jornal como uma extensão do Expressão e seu sucesso, até os conflitos que levaram ao seu fim, abordando ainda o machismo sofrido pelas únicas duas mulheres que compuseram o grupo editorial do periódico, o caminho seguido pelos ex-integrantes do jornal diante de seu fim e a importância da imprensa gay para a comunidade, no decorrer do tempo.

Neste relatório técnico será possível encontrar justificativas detalhadas para a escolha desse tema, nossos objetivos e discussões teóricas e técnicas sobre a modalidade escolhida para melhor contar essa história, além da descrição do processo de apuração e seleção de fontes jornalísticas. Em um segundo momento, abordamos o desenvolvimento da produção, as etapas de edição, a forma de divulgação escolhida e os custos e gastos que permitiram que o trabalho fosse realizado.

## CAPÍTULO 1

### APRESENTAÇÃO DO TEMA E DA MODALIDADE

#### 1.1. Contextualização do tema e recorte jornalístico

Conforme levantado em 2019 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE)<sup>1</sup>, a sociedade brasileira é composta por 2,9 milhões de pessoas de 18 anos ou mais que se identificam como gays, lésbicas ou bissexuais, algumas das sexualidades contempladas pela sigla LGBTQIAP+<sup>2</sup>.

Nesse contexto, 94,8% da população, equivalente a 150,8 milhões de cidadãos, se declaram heterossexuais, enquanto 1,2%, ou 1,8 milhão de pessoas, são homossexuais, e apenas 0,7%, 1,1 milhão de pessoas, se entendem como bissexuais. Aqueles que não sabem categorizar sua sexualidade representam 1,1% da população (1,7 milhão de pessoas), e 0,1%, ou 100 mil pessoas, se identificam com outras orientações sexuais. Nesse último caso, a maioria se identifica como pansexual, ou seja, quando não há preferência por gênero para que haja atração.

Atualmente, apesar do crescimento de conteúdos LGBTQIAP+ no cinema, em produções feitas para plataformas de streaming e na literatura, os membros da comunidade continuam mal representados na mídia: uma pesquisa norte-americana da Getty Images, um banco privado de fotografias<sup>3</sup>, revela que apenas 20% dos entrevistados afirmam ver pessoas LGBTQIAP+ de forma

---

<sup>1</sup> TOKARNIA, Mariana. IBGE divulga 1º levantamento sobre homossexuais e bissexuais no Brasil. **Agência Brasil**, 25 mai. 2022. Disponível em: < <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2022-05/ibge-divulga-levantamento-sobre-homossexuais-e-bissexuais-no-brasil>>. Acesso em: 23 mar2023.

<sup>2</sup> A sigla incorpora lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, pessoas queer, pessoas Intersexuais, assexuais, pansexuais e outros gêneros e sexualidades. Além disso, em vista do tamanho da sigla que designa a comunidade estudada, optamos por utilizar os termos “LGBT+” e “gay” tanto neste relatório quanto na reportagem para identificar o movimento e ao mesmo tempo trazer mais fluência aos textos.

<sup>3</sup> SCHNAIDER, Amanda. Comunidade LGBTQIA+ tem baixa representatividade na mídia e publicidade. **Meio e Mensagem**, 28 jun. 2021. Disponível em: < <https://www.meioemensagem.com.br/comunicacao/comunidade-lgbtqia-tem-baixa-representatividade-na-midia-e-publicidade>>. Acesso em: 23 mar.2023.

regular em imagens divulgadas midiaticamente e que, nesses casos, são representadas por meio de estereótipos.

Já a terceira edição do estudo Diversidade na comunicação de marcas em redes sociais, da Elite e agência SA365<sup>4</sup>, aponta que a representatividade LGBTQIAP+ também é pequena na mídia do Brasil. O estudo analisou 1.902 posts, incluindo vídeos e fotos, do Instagram e Facebook envolvendo ao todo 50 marcas, publicados pelos 20 principais anunciantes brasileiros, durante todo o ano de 2020. Os resultados revelam que os conteúdos costumam ser sazonais, com mais publicações em julho, o mês do Orgulho LGBTQIAP+, e na época do Natal.

Já no jornalismo, Melo (2013, p.270) mostra que os grandes veículos nacionais também priorizam coberturas da Parada LGBTQ+, sempre com imagens e pautas focadas na extravagância, e menos no ativismo presente na comunidade. Como objetos de pauta, os sujeitos LGBTQ+ aparecem estereotipados, retratados como homens gays afeminados e mulheres lésbicas masculinizadas (Schultz; Barros, 2011, p. 4), o que reforça uma ideia de cisheteronormatividade<sup>5</sup>. O objetivo é fazer com que pessoas da comunidade sejam “toleradas” ou aceitas socialmente, já que se afastariam menos do que seria o modelo hegemônico (Darde, 2008, p.11).

Vale acrescentar ainda que essa imagem social do público LGBTQ+ formada pela mídia teve ainda raízes mercadológicas. Entre as décadas de 70 e 80, com o surgimento de bairros e roteiros LGBTQ+ em cidades, a comunidade passa a ser vista como consumidores em potencial. Com a venda de produtos voltados a esse público, o mercado criou a falsa sensação de aceitação, e, como consequência, a mídia hegemônica seguiu essa tendência, aumentando a cobertura, mas de maneira estereotipada, como já dito (Nonato, 2013, p. 8).

---

<sup>4</sup> SCHNAIDER, Amanda. Comunidade LGBTQIA+ tem baixa representatividade na mídia e publicidade. **Meio e Mensagem**, 29 jun. 2021. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/comunicacao/comunidade-lgbtqia-tem-baixa-representatividade-na-midia-e-publicidade>. Acesso em: 23 mar. 2023.

<sup>5</sup> A cisheteronormatividade marginaliza gêneros e sexualidades que fogem da “norma”, representada pela binaridade dos sexos masculino e feminino, que devem cumprir com as expectativas impostas sobre eles pela sociedade. Assim, se tenho o sexo feminino, devo me identificar como mulher e me relacionar com o gênero oposto.



A sub-representação dessa comunidade e os estereótipos não contribuem para o enfrentamento do mais grave problema enfrentado por esse grupo: o ódio e a violência. O Grupo Gay da Bahia<sup>6</sup> diz que 300 pessoas da comunidade morreram de forma violenta no país em 2021, classificação que inclui 276 homicídios relacionados à homofobia e transfobia e 24 suicídios. Em 2023, o Brasil figurou pela 14ª vez consecutiva como o país que mais mata pessoas travestis e transexuais, conforme divulgado pelo ministro dos Direitos Humanos, Silvío Almeida<sup>7</sup>.

Esse cenário atinge também os jornalistas: em 2017, uma enquete realizada pelo Sindicato de Jornalistas Profissionais de São Paulo<sup>8</sup>, indicou que 39,3% dos jornalistas LGBTQ+ que participaram do questionário já sofreram discriminação diante da sua sexualidade ou identidade de gênero, enquanto 17,9% afirmam que podem ter sofrido.

Da mesma forma, chamamos a atenção para a escassez de veículos de comunicação voltados para a comunidade LGBTQIAP+ atualmente. Em nossas pesquisas, encontramos poucos títulos ativos, como Observatório G, do UOL, Gay1, MixBrasil, Jornal Pimenta Rosa e Esqrever, abordando, de forma geral, temas como comportamento, viagens, cultura e lazer. Vemos ainda a existência de outros títulos, mas que estão inativos, como é o caso de Close, do blog da Folha de S. Paulo, Clipping LGBTQ+, da Revista ViaG e do podcast Bom dia, Bixa!. Em Campinas, nosso local de interesse no presente trabalho, não encontramos registros da existência de quaisquer veículos de comunicação regionais direcionados à comunidade LGBTQIAP+ nos dias de hoje.

Nos anos 1990, entretanto, o cenário era diferente: no auge da epidemia de Aids, em meio aos coletivos e movimentos organizados da comunidade LGBTQIAP+, antes conhecida como GLS (sigla para Gays, Lésbicas e

---

<sup>6</sup> GASTALDI, Alexandre B. F. Mortes e Violências contra LGBTQI+ no Brasil. **Observatório de Mortes e Violências LGBTQI+ no Brasil**, 12 mai.2022. Disponível em:<<https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/wp-content/uploads/2022/05/Dossie-de-Mortes-e-Violencias-Contra-LGBTI-no-Brasil-2021-ACONTECE-ANTRA-ABGLT-1.pdf> >. Acesso em: 23 mar.2023.

<sup>7</sup> FACCA, Julia. Psiquiatra quer mais educação por diversidade. **Digitais**, 31 mar. 2023. Disponível em: <<https://digitais.net.br/2023/03/psiquiatra-quer-mais-educacao-por-diversidade/>> Acesso em: 23 abr.2023.

<sup>8</sup> Quase 40% dos jornalistas LGBTQ já sofreram discriminação no trabalho. **Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo**, 11 set. 2017. Disponível em: <<https://sjspp.org.br/quase-40-dos-jornalistas-lgbt-ja-sofreram-discriminacao-no-trabalho/>>. Acesso em: 23 mar. 2023.

Simpatizantes), os ideais e valores desse grupo eram divulgados não só por meio de eventos e marchas na cidade, mas também por veículos informativos (Santos, 2011, p. 149). Isso refletia um movimento maior, em que a necessidade de dar mais visibilidade à luta da comunidade gerava ainda novos periódicos também na imprensa corporativa, em diferentes partes do país (Schultz; Barros, 2011, p. 7).

Apesar de o primeiro jornal homossexual que se tem notícia no Brasil datar de 1963, com o nome de Snob, apenas em 1978 surge o pioneiro veículo profissional voltado ao público gay, com grande tiragem e circulação: o *Lampião da Esquina*, que durou até 1981. Nos anos 70, durante a Ditadura Militar brasileira, o *Lampião* surge com uma forma de assegurar visibilidade e força ao movimento LGBTQ+ (Schultz; Barros, 2011, p. 5). Porém, desde o seu fim até a década de 90, a imprensa gay não havia ganhado força.

Em Campinas, em 1995, após uma palestra de Luiz Mott, antropólogo e ativista a favor dos direitos civis LGBTQ+<sup>9</sup>, alguns membros do Conviver — uma roda de conversa entre homens gays, que se organizou no Programa Municipal de DST/Aids de Campinas —, criaram o Grupo Expressão, primeiro movimento ativista LGBTQ+ oficial da cidade. O coletivo, por sua vez, passou a editar o *Babado*, também com foco na comunidade LGBTQ+ da região (Zanoli, 2012, p. 34). O periódico circulou de 1996 a 1998, prezando por uma comunicação informal e ousada, que abordava fofocas, etiqueta, moda, viagens e dicas de segurança para os membros da comunidade. Foram ao todo 18 edições, que chegaram a registrar tiragem de 20 mil exemplares mensais.

---

<sup>9</sup> Durante o início do segundo semestre de 2023, realizamos uma entrevista on-line em vídeo com Mott. Apesar disso, a conversa não se mostrou produtiva, o que nos levou a não incluí-la no projeto como um todo.

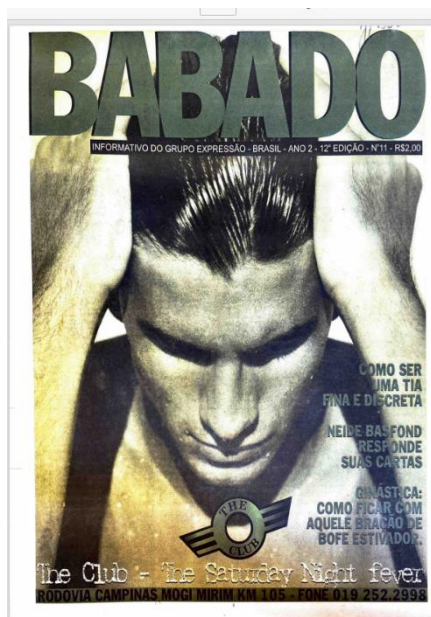


Figura 1: Edição 12, Babado  
Fonte: Reprodução

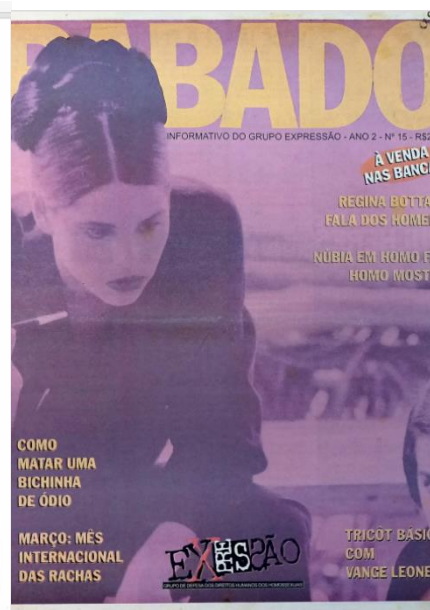


Figura 2: Edição 15, Babado  
Fonte: Reprodução

Por meio de membros dissidentes do jornal, foram fundados, ainda na década de 90, também os jornais virtuais Basfond, por Eduardo Gregori, então editor-chefe do Babado, e o Zoom, criado por Júnior Xpress, antigo promotor do periódico. No entanto, todos esses veículos, incluindo o Babado, são pouco conhecidos na cidade, tendo sido ainda alvo de apenas um trabalho acadêmico encontrado por nós, defendido na cidade de Curitiba, no Paraná (Costa, 2021).

Desse modo, diante da não abundância de veículos de comunicação voltados para a comunidade LGBT+ no Brasil como um todo e da inexistência dessas publicações atualmente na cidade de Campinas, nosso projeto experimental buscou recuperar a importante história do jornal Babado, criado pelo primeiro grupo LGBT+ da cidade, que movimentou Campinas e ajudou jovens a entenderem sua sexualidade em uma época mais conservadora.

Com isso, também quisemos estabelecer um paralelo com a realidade atual, a fim de compreender as consequências da ausência desse tipo de produção no cenário jornalístico campineiro. A importância do projeto se dá diante do fato de a representação midiática, ou a falta dela, afetar a maneira como a sociedade entende um grupo específico de pessoas. Nesse sentido, o papel do jornalismo é amplificar a voz dessas pessoas, algo que o Babado fez de maneira inovadora em seu tempo. Por isso, entendemos que, diante desse conhecimento, nosso papel como jornalistas se torna apresentar esse jornal,

hoje esquecido por muitos, para uma nova geração e lembrar as antigas gerações da importância que ele teve, buscando estimular o debate social em torno dessas questões.

Para falar do recorte escolhido para o projeto, é necessário dar luz ao que era o cenário LGBT+ em Campinas nos anos de 1990. Vivia-se um forte processo de institucionalização do movimento (Zanoli, 2013), decorrente principalmente da luta contra o estigma da Aids em todo o mundo. É desse processo que surge o grupo Expressão, o primeiro coletivo em defesa do movimento LGBT+ oficial de Campinas, como já dito. É com o Expressão, e a fim de difundir ideias, visões e vivências do movimento LGBT+ campineiro, que entra em cena o Babado, que “circulava em espaços de sociabilidade homossexual da cidade” (Zanoli, 2013, p. 158),

Assim, nota-se que o jornal e o movimento LGBT+ em Campinas estão intrinsecamente associados. Por conta disso, o recorte escolhido para a estruturação da reportagem multimídia, intitulada Que Babado! foi explorar a trajetória do jornal e como ele refletia a cena e o movimento social LGBT+ na década de 90 na região campineira. No que tange ao enfoque escolhido para abordar o projeto, destacamos as pessoas que produziam o Babado e como estavam inseridas no contexto do movimento LGBT+ campineiro nos anos 90. O interessante nessa escolha, a nosso ver, é que, ao pensarmos nos papéis desses personagens no jornal, também entendemos muito de como cada um via a luta pelos direitos desse grupo.

Além disso, ao acompanhar a história desses jornalistas após o fim do periódico, podemos compreender ainda os rumos do movimento e da imprensa LGBT+ na cidade nas décadas subsequentes. Desse modo, debatemos os problemas que a comunidade tem enfrentado e o que a ausência de uma cobertura jornalística focada nesse grupo gera para o cenário gay.

## **1.2. Modalidade**

A modalidade escolhida para o projeto é webjornalismo, no formato da reportagem multimídia. Assim, faz-se necessário elencar algumas características desse modo de fazer jornalismo, ancorado na internet, a fim de justificarmos nossas escolhas.

Escolhemos a denominação webjornalismo de acordo com o pensamento de Canavilhas (2006, p.114), que se refere a essa modalidade como aquele produto jornalístico pensado para estar na Internet. Vale dizer, no entanto, que Carla Rodrigues, em seu livro *Jornalismo online: modos de fazer* (2009, p.16), discorda do autor e caracteriza o jornalismo online com a mesma definição e aspectos apontados por Canavilhas para o webjornalismo. Esses seriam: “convergência, interatividade, hipertextualidade, personalização do conteúdo conforme o leitor, memória e armazenamento de informações, atualização contínua das informações”.

Ainda de acordo com Rodrigues (2009, p.16-17), a convergência pode ser vista no gênero por meio da plataforma que ancora a produção, a internet, que comporta formatos diversos, como vídeos, áudios, textos e fotos, que “conversam” entre si. A interatividade no webjornalismo pelos comentários do público enviados on-line, mas, de acordo com a autora, também surge quando o leitor clica em algum link da página. A hipertextualidade também vem por meio desses links, que complementam a notícia ou reportagem, e a memória e armazenamento de informações são representados pelas funções de um Sistema de Gerenciamento de Conteúdo, que são programas que ajudam a criar e gerenciar sites.

Nesse quesito, é importante frisar o tópico “memória e armazenamento de informações” uma vez que o objeto de estudo escolhido, o jornal Babado, quase não é conhecido pelo público campineiro, muito menos o brasileiro, e suas edições disponíveis para visualização estão em arquivos físicos, espalhados pelo Brasil, o que gera o difícil acesso. Ainda pensando na web como uma boa forma de armazenamento de memória, podemos associar o papel do jornalismo de realizar uma “(re)construção histórica”, preservando desse modo a memória (Palacios, 2014, p.95).

Debruçando-nos agora sobre o gênero da reportagem multimídia, esse começa a surgir no que Longhi denomina como “Grau Dois” da evolução narrativa textual no online, com a forma de especiais multimídia, durante o início dos anos 2000. Nesses especiais, as notícias vinham acompanhadas de infografia online, porém eram produções mais simples. O salto entre essas produções e a grande reportagem multimídia se deu no fim da década de 2000, por avanços tecnológicos. Nas produções popularizadas no início do novo

milênio, o “software” usado era o Flash, que oferecia menos recursos aos produtores. Alguns anos depois, passa-se a utilizar o HTML 5, que ampliou o conceito de convergência, possibilitando acesso mais rápido e fácil a conteúdos em vídeo e áudio. Outra mudança que vem com essa linguagem, que Longhi considera ser a terceira fase do webjornalismo, e que perdura até hoje, é o chamado “scrolling” que possibilita o leitor a navegar pela página por meio de uma barra lateral. E outro fator que possibilitou um aprofundamento nas matérias e reportagens feitas no webjornalismo foi o design. Na maioria dos sites das reportagens contemporâneas, as imagens, vídeos e infográficos tomam toda a tela do dispositivo, fazendo com que esses elementos se tornam mais imersivos (Longhi, 2014, p. 909).

Elencando as características da reportagem multimídia, temos, entre outros aspectos inovadores de design e navegação, narrativas imersivas e texto “longform”. Esse último se define como “matérias com mais de 4000 palavras, ou grandes reportagens com entre 10 e 20 mil palavras” (Longhi, 2014, p. 911). O surgimento dele, aliás, seria o grande “ponto de virada” dos produtos multimídia, segundo a autora, uma vez que não se segmentam certas reportagens multimídia em episódios, mas se busca a construção de um texto denso e articulado, ainda que dividido em capítulos ou retrancas. Considerando que temos em mãos uma história coesa e com uma linha narrativa consistente, o uso do “longform” nos ajuda aqui.

Pensando no nosso tema e no recorte escolhido, entendemos que se faz necessário o desenvolvimento de uma reportagem com maior fôlego, uma narrativa aprofundada, tanto para contarmos a ascensão e a “queda” do jornal, e sua repercussão em Campinas e região, quanto para que pudéssemos dar a devida atenção aos personagens entrevistados.

Ainda tendo como base a caracterização de Longhi, por meio de ferramentas de design e navegação, é possível proporcionar ao leitor dinamismo na narrativa, por meio de infográficos, vídeos e podcasts. Em relação a esses elementos que compõem a reportagem multimidiática, necessita-se elencar alguns fatores que tiveram nossa atenção ao realizarmos a produção jornalística: a complementaridade entre eles, na construção da narrativa; e a consequente ausência de redundância no conteúdo desses elementos; e a hierarquização de informações (Salaverría, 2014, p.42). Vale também frisar, na reportagem – o que

inclui obviamente o webjornalismo –, a espinha dorsal segue sendo o texto (Salaverría, 2014, p.33).

Desenvolvemos, assim, um site em que a narrativa foi estruturada por meio de abas (que chamamos de “capítulos”, como veremos adiante), que abrigam subpautas. Todas fazem parte de uma mesma narrativa, mas o leitor terá liberdade para escolher o seu caminho de leitura.

### **1.3. Justificativa**

Em 2023, o Babado completa 25 anos de sua última publicação. O primeiro jornal LGBTQ+ de Campinas teve sua primeira edição lançada em setembro de 1996 e teve seu fim em junho de 1998 (Zanoli, 2013). Além da data comemorativa, a escolha de abordar a publicação nesse projeto experimental ainda passou pelo objetivo de resgatar a memória de um aspecto importante da imprensa campineira, uma vez que não existem jornais LGBTQ+ circulando na cidade de Campinas atualmente. Há ainda uma escassez de veículos voltados a esse público no país todo, como já citado anteriormente.

Ademais, quando os grandes veículos de imprensa brasileiros se dispõem a cobrir pautas envolvendo pessoas LGBTQ+, essas são tratadas muitas vezes como vítimas de violências em crimes, ou até como figuras perigosas (Ferreira Junior; Costa, 2015, p.11). Ou ainda tentam representar essas personagens na heteronormatividade (Darde, 2008, p.11), por meio de figuras que respeitem normas e convenções sociais hegemônicas, de modo a serem aceitas pelo público heteronormativo. Esse trabalho, assim, teve como objetivo ressaltar a importância da representação LGBTQ+ construída também por pessoas da comunidade, desconstruindo estereótipos.

Também como já mencionado, o recorte escolhido para o desenvolvimento da produção contempla contar a história das pessoas que construíram o Babado, de modo a abordar suas ações não apenas no jornal mas também na cena e no movimento LGBTQ+ em Campinas nos anos 90. A importância desse olhar está no fato de serem escassos os materiais que tratam sobre Babado e a história do Expressão: apesar de boa parte das edições do jornal estarem disponibilizadas no Arquivo Edgar Leuenroth, na Universidade

Estadual de Campinas, poucos trabalhos acadêmicos se voltaram para o periódico e para o coletivo que o publicou.

Além disso, contar as experiências dos que estavam envolvidos na produção do primeiro jornal LGBTQ+ de Campinas é importante porque, atualmente, ser LGBTQ+ no Brasil é um ato de resistência, em razão do preconceito. Em 2021, de acordo com levantamento feito pelo Observatório de Mortes e Violências LGBTQI+ no Brasil<sup>10</sup>, 262 pessoas da comunidade foram vítimas de homicídio, 23 de latrocínio e 26 de suicídio. Vale lembrar que o número é resultado de uma pesquisa feita a partir de notícias e pessoas que procuraram o Observatório, ou seja, pode ocorrer subnotificação desses números, uma vez que não existem dados governamentais sobre a violência contra essa população. Além disso, pode haver a omissão dos veículos de comunicação sobre a orientação sexual e gênero das vítimas desses crimes, e um receio por parte das pessoas LGBTQ+ de se identificarem oficialmente como tal, justamente por conta dessa frequente violência.

Se, atualmente, a violência contra pessoas LGBTQ+ é chocante e coloca o Brasil como um dos países que mais mata essa comunidade, na década de 1990, a situação era pior. Com a epidemia do vírus HIV, que começou nos anos 80, a comunidade LGBTQ+, que já era marginalizada, passou a ser um alvo maior ainda de discriminação. Nesse cenário, entende-se que a doença foi apenas um “bode expiatório” para a homofobia na época (Santos; Schor, 2015, p. 55). Por conta disso, popularizaram-se nesse período movimentos da comunidade LGBTQ+ para combater esses preconceitos, e, com eles, publicações informativas que pretendiam dar visibilidade à comunidade (Santos, 2011, p. 149). Foi nesse contexto que surgiu o campineiro Babado.

Diante de tudo isso, é importante ainda afirmar que a escolha da pauta reflete alguns valores-notícias listados por Thais Mendonça Jorge (2008, p.30-31) em sua obra intitulada Manual do Foca. São eles: proximidade, visto que

---

<sup>10</sup>/ ACONTECE ARTE E POLÍTICA LGBTQI+; ANTRA (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS); ABGLT (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS, TRANSEXUAIS E INTERSEXOS). **Mortes e violências contra LGBTQI+ no Brasil**: Dossiê 2021 – Florianópolis: Acontece, ANTRA, ABGLT, 2022. Disponível em: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/todos-dossies/mortes-lgbt-brasil/> Acesso em: 23 abr. 2023.



falaremos da região de Campinas; progresso, já que foi o primeiro jornal LGBTQ+ de Campinas; sexo, por abordarmos gênero e sexualidade; interesse humano, visto que nosso enfoque será nas pessoas que desenvolveram o periódico; e originalidade, uma vez que quase não existem materiais contando a história do jornal.

A modalidade escolhida foi a de reportagem multimídia. Uma das principais características desse tipo de produção do jornalismo on-line é o texto “longform”. Esse formato nos permite explorar a fundo a história do Babado e seus realizadores. É importante pontuar que, pelo fato de o formato “longform” ser característico da web, ele não se resume apenas a um texto de fôlego, e sim a um diálogo entre o uma longa narrativa e elementos audiovisuais, como infográficos, vídeos, áudios e animações (Fátima, 2023, p.10). E esses aspectos deixam a reportagem mais diversa, explorando vários aspectos da produção do jornal e do movimento Expressão, como seu design gráfico, imagens de arquivo e as imagens e vozes de seus integrantes.

Considerando ainda que se trata de uma reportagem on-line, esperamos que um amplo público seja atingido. Porém, é possível que, pelo tema e enfoque, o projeto seja mais atrativo aos que pertencem à comunidade LGBTQ+. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua: Tecnologia da Informação<sup>11</sup>, do IBGE, feita em 2021 e divulgada no ano seguinte, 95% das pessoas entrevistadas que têm entre 25 e 29 acessam a internet. Podemos aliar esse dado com um estudo feito pelo Datafolha<sup>12</sup>, que identificou a faixa etária dos que se autodeclararam LGBTQ+. A pesquisa, de 2022, entrevistou 3.674 pessoas em 120 municípios e constatou que 9,3% dos entrevistados se consideram da comunidade LGBTQ+, e 8% preferiram não declarar. Dos que se

---

<sup>11</sup> CAMPOS, Ana Cristina. Quase 85% das pessoas de 10 anos ou mais acessam internet no Brasil: Dados são da Pnad Contínua: Tecnologia da Informação de 2021. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, p. 1, 16 set. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-09/quase-85-das-pessoas-de-10-anos-ou-mais-acessam-internet-no-brasil#:~:text=Grupos%20et%C3%A1rios-.Em%202021%2C%20o%20percentual%20de%20pessoas%20que%20acessou%20a%20internet,de%2060%20anos%20ou%20mais>

<sup>12</sup> LUCCA, Bruno. Proporção de pessoas LGBTQIA+ entre os mais jovens é o triplo do que entre os mais velhos: Pesquisa do Datafolha mostra que 9,3% dos brasileiros dizem fazer parte da comunidade. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 22 set. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/09/proporcao-de-pessoas-lgbtqia-entre-os-mais-jovens-e-o-triplo-do-que-entre-os-mais-velhos.shtml#erramos> . Acesso em: 23 abr. 2023.

afirmam como pertencentes à comunidade, 18% tinham entre 16 e 24 anos e 13,2%, entre 25 e 34 anos. Isso significa que, entre os mais jovens, é mais comum a declaração pública da homossexualidade ou da não identificação com o gênero atribuído ao nascer. Ou seja, ao trabalharmos com uma reportagem multimídia, estaremos próximos de atingir o público interessado, que é sobretudo jovem.

#### **1.4. Processo de apuração**

A imprensa a qual Flávia Péret denomina gay em seu livro *A Imprensa Gay no Brasil* (2012) diz respeito àquela feita por homossexuais e voltada para sua própria comunidade, tendo início na década de 1960, em um contexto em que a imprensa tradicional apenas citava os gays para satirizá-los ou apresentá-los como personagens de narrativas policiais em que eram vinculados à perversão e ao delito.

Anteriores aos veículos de comunicação produzidos por membros da comunidade LGBTQ+, entretanto, são os movimentos sociais formados por gays, lésbicas e travestis. Segundo José Fábio Barbosa da Silva (2005, p. 33 *apud* Péret, 2012, p. 16), “na medida que o homossexual consegue efetuar contatos e descobre que existem outras pessoas na sociedade semelhantes a ele, tende a encarar de outra forma suas experiências e ressignifica sua afirmação pessoal”.

Oriunda dos projetos da Turma OK, o mais antigo grupo homossexual brasileiro, foi criada em 1963 da primeira publicação abertamente gay do país, que circularia até 1969. Intitulado *Snob*, era inicialmente simples, uma espécie de fanzine, distribuído no Rio de Janeiro. Com o tempo, se tornou uma minirrevista ilustrada, que conquistou a comunidade gay carioca com colunas de fofocas, concursos de contos, poesias, entrevistas e matérias sobre beleza, entre outros conteúdos (Péret, 2012, p. 19).

Em 1978 nasceu o *Lampião da Esquina*, primeiro jornal gay de circulação nacional, distribuído abertamente, fora da clandestinidade. A novidade diferiu da imprensa gay que o antecedeu devido a seu enfoque político, sem abandonar o humor e o dialeto gay, geralmente barrado pela mídia tradicional e malvisto pela mídia alternativa, incluindo termos como “bicha”, “lésbica” e “viado” (Péret, 2012, p. 50-51).

Já em 1980, com o início da epidemia de Aids, sigla para Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, Péret (2012, p. 63) explica que a disseminação do vírus do HIV trocou “o sonho da liberdade sexual por medo e culpa”. A partir disso, a imprensa gay deixou de lado seu bom humor e provocações aos padrões sexuais convencionais, diante do pânico gerado pela nova doença.

Uma década depois, em 1990, a autora diz que o cenário foi marcado pela criação de sites, revistas, planos de saúde, casas noturnas e eventos culturais gays, representando o crescimento dos produtos voltados ao novo mercado LGBT+, antes intitulado GLS, sigla que designa Gays, Lésbicas e Simpatizantes. Ou seja, os gays se tornaram um produto e também um público-alvo.

Quanto aos registros relativos ao jornal Babado, as informações eram poucas. Encontramos algumas notícias dos anos 1990 que mencionam o veículo brevemente, e, por meio de uma fonte, o pesquisador Julio Teodoro, descobrimos que o Arquivo Edgard Leuenroth, da Unicamp, tem as edições 4, 6, 11, 12, 14, 15, 17 e 18 do jornal. Nós fomos até o arquivo, onde digitalizamos todas as edições disponíveis por meio de um aplicativo no celular. Em uma conversa com Teodoro, ele nos explicou que teria outros números do jornal e as disponibilizou em um arquivo do Google Drive para nós, com números que o acervo da Unicamp não apresenta. Entretanto, nos comprometemos a não divulgar suas edições, uma vez que não temos autorização do arquivo no qual as obtive, o Dignidade. A razão pela qual não buscamos essa autorização era porque teríamos que assinar documentos e fazermos diversos contatos com o grupo de Curitiba, e, todo esse trâmite não seria necessário já que sabíamos que boa parte das edições estavam aqui na Unicamp.

Como dito, durante a pré-apuração encontramos poucos trabalhos acadêmicos que abordam o jornal Babado e quase nenhum conteúdo on-line que mencione o periódico. Destacamos, porém, os textos de Julio Teodoro, “Qual é o babado? O design gráfico como tecnologia de gênero em um periódico LGBTQIA+ de Campinas (1996-1998)” (2021), acerca da comunicação visual do jornal, e “Lulu Lurex e as tecnologias de gênero presentes no jornal Babado (1996)” (2021), que analisa a coluna Lurex Acontece. Além disso, chamamos a atenção para os trabalhos de Vinícius Zanoli (2012; 2013) que, além de traçar um panorama da cena LGBT+ em Campinas na época de circulação do jornal, retoma parte da história do Grupo Expressão, ainda que de maneira breve, uma

vez que seu foco principal recai sobre outros grupos LGBTQ+ da cidade, como o Identidade, que surge a partir da cisão do grupo Expressão. Ainda em relação ao grupo Expressão, em entrevista com o ex-membro do Babado, Paulo Mariante, descobrimos que um dos responsáveis pela fundação do grupo foi Beto de Oliveira, que, logo depois da criação, saiu do grupo para perseguir carreira política. Um dos fundadores do Setorial GLBTT (gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais) do Partido dos Trabalhadores, Beto foi homenageado postumamente pela Assembleia Legislativa de São Paulo em 2006. Os pré-entrevistados não souberam precisar o ano de sua morte. É importante frisar que Beto não aparece em nossa reportagem, já que, segundo Paulo Mariante, ele apenas participou nos primeiros meses de funcionamento do grupo Expressão, e não chegou a ter envolvimento com o Babado.

Em relação à nossa apuração, vale ressaltar que as pré-entrevistas com ex-membros do Babado foram cruciais para que entendêssemos a trajetória do periódico em sua totalidade. Começamos nossa pesquisa com a tese de mestrado de Julio Teodoro, porém o pesquisador é de Curitiba e seu mestrado foi feito durante a pandemia. Ou seja, as informações que ele tinha eram apenas referentes à sua análise das edições obtidas em um arquivo da cidade. Isso nos fez crer que o único motivo para o fim do jornal havia sido um conflito entre a redação na edição de março de 1998, quando foi sabotado o primeiro exemplar dedicado exclusivamente ao Dia Internacional da Mulher. Porém, ao conversarmos com os redatores do periódico, percebemos que havia problemas financeiros na produção do veículo e desavenças entre alguns membros do periódico, e ambos os motivos fizeram com que o Babado fosse encerrando suas atividades aos poucos. Toda essa trajetória, marcada por diversos enfrentamentos, fez com que pensássemos em uma estruturação de capítulos que mostrasse essa “ascensão e queda” do periódico.

Além disso, vimos que a característica mais marcante das edições do Babado são suas capas. Diversas delas têm homens brancos, sempre musculosos e seminus. É interessante notar ainda que, apesar de ser reforçado em todas as pré-entrevistas realizadas, que o Babado era distribuído de forma

gratuita, em todas as capas, existe um valor de preço sugerido, que varia de R\$ 1,50 a R\$ 2,00<sup>13</sup>.

### 1.5. Seleção de fontes

A seleção das fontes começou a ser realizada no primeiro semestre de 2023. Nesse período, procuramos ex-membros do Babado e especialistas que pudessem colaborar com as nossas pautas, entre eles pessoas que estudaram ou compuseram a imprensa gay e a lésbica.

Nós descobrimos quem eram os primeiros membros do jornal por meio do trabalho de Julio Teodoro (2021), já citado. A partir disso, buscamos os nomes apresentados em sua pesquisa nas redes sociais e entramos em contato com os personagens. Foi um processo difícil, visto que a maioria dos nomes encontrados não eram participantes fixos e apareciam apenas esporadicamente no jornal, o que não os configurava como membros do periódico. Por conta disso, não saberiam nos dar muitas informações sobre o funcionamento da publicação. Além disso, parte das pessoas que passaram pelo jornal, como Vange Leonel, Micael Jacques e Kaká Di Polly, incluindo dois de seus fundadores, ou já morreram ou não foram encontrados por nós. No caso de Jairo Silva, fundador e editor-chefe do periódico, os ex-membros do Babado não souberam precisar se ele ainda está vivo ou onde está.

Mas, por meio dessa procura, encontramos Regina Bottari, Paulo Mariante e Eduardo Gregori, todos ex-membros do jornal. Por meio deles, conseguimos outros contatos, como Ivan Morais, que foi secretário do periódico, e Eduardo Fish e Júnior Xpress, antigos promotores do Babado. Entretanto, eles não tiveram disponibilidade para nos conceder entrevistas. Regina também nos passou os dados de Paulo Reis e Maria Helena Freitas, que foram ouvidos na reportagem. Também foi por meio de indicações de alguns de nossos entrevistados que conseguimos chegar a alguns especialistas. André Fischer,

---

<sup>13</sup> Um real em 1994 valia cerca de R\$ 7. LARGHI, Nathália. Real faz 27 anos; quanto valeria R\$ na época de hoje?. **Valor Investe**, 1 jul. 2021. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/mercados/brasil-e-politica/noticia/2021/07/01/real-faz-27-anos-quanto-valeria-r-1-da-epoca-hoje.ghtml> . Acesso em: 21 nov. 2023.

um dos especialistas entrevistados, nos passou o contato do cineasta que estuda a imprensa gay Lufe Steffen.

Além disso, ao longo do caminho, como esperado, perdemos algumas fontes que deixaram de fazer sentido para as nossas pautas ou que se mostraram desinteressadas no projeto com o passar do tempo. Um ex-membro do Babado parou de responder nossas mensagens por problemas pessoais, e, um especialista em imprensa LGBTQ+ chegou a marcar uma entrevista on-line conosco, mas não apareceu no dia e horário combinado. Também fizemos entrevistas com dois pesquisadores e especialistas de temáticas LGBTQ+, Luiz Mott e Vinicius Zanolli, porém, com o andamento das pautas, percebemos que seus relatos pouco agregavam para a abordagem de nossa reportagem.

Mesmo depois do fechamento do sétimo período do curso, precisamos buscar novas fontes especialistas que dessem força à reportagem. Ouvimos ao todo sete personagens e oito especialistas. A seguir, apresentamos as fontes selecionadas e uma breve descrição de cada uma delas.

### **André Fischer (importante no meio da imprensa gay, criou o Festival Mix)**

Além de ter sido produtor de rádio e TV, Fischer atuou como colunista na Folha de S. Paulo e roteirista na Rede Globo. Na imprensa gay, ele liderou o Mix Brasil, o maior grupo de mídia LGBTQ+ da América Latina por mais de duas décadas. Ele também chegou a aparecer no Babado, apesar de não se lembrar. Assim, Fischer tem trajetória interessante na imprensa gay e nos ajudou a entender as características desse nicho midiático.

### **Caio Maia (especialista)**

O pesquisador realizou estudos acerca da comunidade lésbica, com foco inclusive na presença das mulheres gays no jornalismo. Entre seus artigos, estão “Escritas de si, polifonia e constituição de redes na imprensa lésbica brasileira: uma discussão da revista Femme” (2017) e “Uma paciência selvagem me trouxe até aqui: escrita em processo sobre processos de construção de lesbianidades através da escrita, circulação de textos e leitura” (2019). Por isso, entendemos que seria uma boa fonte para falar sobre o machismo sofrido por esse grupo dentro de uma comunidade que já é minoritária, como ocorria com Regina Bottari e Maria Helena Freitas, ex-membros do Babado.

**Eduardo Gregori (ex-editor do Babado)**

Eduardo era estudante de Jornalismo da PUC-Campinas e, durante uma aula em seu primeiro ano de curso, em 1994, um professor apresentou aos alunos o grupo Expressão e o jornal Babado, dizendo que a redação necessitava de alguém para ajudar na edição. Ele se interessou e se encontrou com o coletivo, que desde então já era muito enxuto. Além de editor do jornal, Eduardo chegou a fotografar para a publicação. Em nossas entrevistas, o jornalista contribuiu fortemente para que pudéssemos compreender a dinâmica da redação e a relação da equipe editorial com os leitores.

**Flávia Péret (autora de Imprensa Gay no Brasil)**

Mesmo não conhecendo o Babado e não tendo dado continuidade às pesquisas dentro da esfera da imprensa gay depois de publicar seu livro em 2009, Flávia Péret nos ajudou a recuperar aspectos importantes da mídia gay no século XX e traçar paralelos entre grandes jornais do meio e o Babado.

**Gean Gonçalves (especialista em imprensa gay)**

Gean Gonçalves é jornalista, professor universitário e doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). É autor do artigo Narrativas Queer no Jornalismo: o desafio da complexidade e das compreensões sobre gênero e sexualidade, apresentado no 38º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação em 2015, e do artigo Voz da diversidade: os discursos da imprensa gay masculina no Brasil, publicado na revista Alterjor da USP em 2011. Gean nos auxiliou a compreendermos a trajetória da imprensa LGBT até os dias de hoje e ainda nos deu um panorama sobre a cena gay brasileira nos anos 90.

**Julio Teodoro (especialista no Babado)**

É um dos poucos pesquisadores que estudou o Babado. Ele desenvolveu uma dissertação de mestrado sobre o veículo, intitulada Qual é o babado? O design gráfico como tecnologia de gênero em um periódico LGBTQIA+ de Campinas (1996-1998), defendida em 2021, na Universidade Tecnológica Federal do Paraná, em Curitiba. Ele nos contou em entrevista que quando

ingressou no mestrado estava em busca de um tema que envolvesse a comunidade LGBTQ+, e sua orientadora lhe recomendou um acervo de Curitiba, no qual encontrou o jornal Babado. Ele nos ajudou a compreender a estética do jornal, bem como sua relação com aspectos característicos da comunidade gay e seu contexto nos anos 90.

### **Lufe Steffen (cineasta que está estudando a imprensa gay)**

É um cineasta, roteirista, escritor e jornalista, conhecido por seus trabalhos ao redor da temática LGBTQ+. Ele atuou como jornalista no Mix Brasil e, por isso, Fischer nos recomendou seu nome. Além disso, está produzindo um documentário sobre a imprensa gay em 2023, com previsão de estreia para 2024. Por conta de seu documentário, Lufe nos auxiliou a recuperar informações sobre a história da imprensa LGBTQ e sobre o cenário gay dos anos 90, década em que o Babado circulou.

### **Maria Helena Freitas (ex-Babado)**

Maria Helena foi a segunda mulher a se juntar ao Babado, recrutada por Regina em uma tentativa de aumentar a presença feminina no jornal, e conta que havia misoginia na redação da publicação. De acordo com ela, não se abria “o leque” para outras questões além das gays e trans. Ela ainda ressalta que, apesar da importância de ter um jornal LGBTQ em uma cidade do interior como Campinas, a falta de presença lésbica no Babado era preocupante, uma vez que se dizia um jornal inclusivo voltado para toda a comunidade LGBTQ+, seguindo a missão do grupo Expressão, mas, na realidade, não cumpria esse propósito, dando visibilidade apenas para alguns membros da comunidade. Maria Helena fez carreira como bibliotecária, hoje é aposentada e reside em Brasília. Apesar de não se lembrar muito dos seus tempos no Babado, ela contribuiu para a pauta em que abordamos o machismo dentro da comunidade LGBTQ+.

### **Paulo Mariante (ex-Babado)**

Paulo foi um dos poucos membros do jornal que lutava pelo lado militante da publicação, o que expressava por meio de editoriais políticos que escrevia para o periódico. Apesar de frisar seu pioneirismo, ele reforçou, em nossa entrevista, os problemas do Babado. Em relação às suas capas, ele reforçou que



apenas homens brancos e magros posavam para as fotos. Esse “padrão” de homens gays poderia ser visto não apenas nas capas no jornal, mas também entre os integrantes do próprio grupo Expressão. Ele ainda lembra da falta de representatividade feminina, com apenas Regina tendo uma coluna na publicação. Além de participar ativamente em grupos como o Expressão e posteriormente o Identidade, Paulo atua como advogado e defensor dos direitos humanos. Atualmente, ele é presidente do Conselho Municipal de Saúde em Campinas.

### **Paulo Reis (ex-Babado)**

O publicitário se juntou ao grupo Expressão interessado na militância que o grupo propunha a favor da comunidade LGBTQ+. Reis fazia parte do grupo que apoiava as pautas mais ativas na luta pelos direitos de seus pares e cuidava da fiscalização da impressão do Babado. Além disso, ele afirma que o jornal foi muito importante para alertar pessoas LGBTQ+ sobre os riscos à saúde, como a transmissão do vírus HIV, além de ajudá-las a compreender melhor sua sexualidade.

### **Regina Bottari (ex-Babado)**

Regina Bottari foi colunista da seção Falando Sério no Babado, que abordava assuntos como “sair do armário”, relações familiares, amores clandestinos e escancarados, parceria, casamento, dia a dia das lésbicas nos anos 90 e posicionamentos políticos. Ela foi a primeira mulher a fazer parte do grupo Expressão, o que a torna uma fonte especial por si só, uma vez que o jornal foi fundado por homens (Fernando Tambolato, já morto, e Jairo Silva, não encontrado pela reportagem). Ela também era a única a assinar suas matérias com seu nome real desde o início, em vez de usar um pseudônimo, como todos os homens da publicação faziam.

## CAPÍTULO 2

### DESENVOLVIMENTO DA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

Neste segundo momento do relatório, compartilhamos o processo de produção do presente projeto experimental, desde a estruturação das pautas, para que tudo fosse feito da forma mais organizada e eficiente possível, até o processo de edição de todo o material coletado, trazendo ainda a estratégia de divulgação do trabalho e os custos envolvidos na sua produção.

#### 2.1. Desenvolvimento da produção

Para que o produto pudesse ser desenvolvido com a melhor qualidade possível, realizamos nossa primeira reunião com a orientadora ainda em julho, a fim de definir as pautas que seriam abordadas na reportagem multimídia Que Babado!. Pensamos em temáticas que melhor representariam a história a ser contada e, também, no material ao qual tínhamos acesso, para definir as linguagens midiáticas a serem trabalhadas. Entendemos que, por ser uma reportagem multimídia, deveríamos explorar vários formatos, possibilitados por essa modalidade, na construção da narrativa.

Conseguimos, ao final, desenvolver sete subpautas, além de uma abertura, que se tornaram os capítulos da nossa reportagem. São elas: 1. Introdução: com breve texto que resume a reportagem e um “trailer”, que sintetiza visualmente a narrativa e que pode servir como peça importante para a divulgação do material nas redes sociais; 2. “Nasce o Babado”, abordando a criação do jornal a partir do grupo Expressão e como este surgiu, tornando-se a primeira organização de defesa de direitos humanos de Campinas; traz-se, como peça fundamental da pauta, um vídeo com relatos de ex-membros do Babado; 3. “Anos de Ferveção”, no qual abordamos o sucesso do periódico, buscando compreender as razões de sua popularidade entre a comunidade LGBT+; 4. “Babado nas Ruas”, quando recuperamos os locais onde o jornal era distribuído por meio de um infográfico, que nos possibilitasse mostrar todo o roteiro que era percorrido pelos membros do Babado em Campinas; entendemos que esse

assunto era importante, uma vez que a distribuição do jornal era um grande evento, ao qual se dedicavam os integrantes do jornal durante os fins de semana, indo inclusive a outras cidades da região; 5. “Festa ou Luta”, em que abordamos os conflitos que levaram ao fim do jornal; entre eles divergências editoriais, problemas de saúde de um de seus fundadores e dificuldades de financiamento; 6. “Elas por Elas”, em que tratamos do machismo presente na redação e como ele afetava as duas únicas mulheres que trabalharam no jornal, por meio de um podcast com relatos das redatoras do jornal; 7. “Depois do Fim”, quando recuperamos a trajetória dos membros após o encerramento da publicação, focando nas carreiras que os ex-Babado seguiram após o periódico e as memórias que guardam do jornal; e, por fim, 8. “Imprensa Gay”, na qual tratamos da história dessa especialização do jornalismo, sua configuração atual e a importância do Babado nesse cenário, por meio de uma reportagem em vídeo com especialistas. Vale lembrar ainda que, em um primeiro momento, nossa pretensão era falar sobre o público do jornal. Porém, durante nossa apuração, não conseguimos localizar nenhum leitor do Babado, visto que eles não usavam nomes verdadeiros quando enviavam cartas à publicação.

Como se vê, decidimos que as pautas 2 e 8 seriam trabalhadas principalmente em vídeo, considerando o caráter multimídia do projeto, acompanhadas de textos de apoio. Essa escolha se deu, pois entendemos que ambos os capítulos teriam material suficiente para serem abordados de modo visual, já que, para relatar tanto o nascimento do jornal quanto a trajetória da imprensa gay, contávamos não apenas com relatos de entrevistados, mas também com páginas das publicações e outras possibilidades para imagens de cobertura, como reportagens da época. O podcast, por outro lado, escolhido para a pauta 6, foi uma opção devido ao fato de que queríamos trazer as personagens contando suas próprias histórias, mas, durante a apuração, chegamos à conclusão de que não teríamos imagens suficientes para elaborar um vídeo que não fosse composto apenas por falas bloqueadas de fontes. Assim, a narrativa em áudio se tornou uma boa opção, contando também com um texto complementar, com galerias de imagens.

Ainda no período de férias, demos início às primeiras entrevistas. Assim, retomamos o contato com algumas fontes que haviam sido pré-entrevistadas na elaboração do projeto. Mas, algumas delas, sobretudo especialistas, não nos

responderam, e por isso foi preciso procurar outros nomes que pudessem dar sustentação às pautas escolhidas. É importante ressaltar que, durante a pré-apuração, apenas o áudio das entrevistas foi gravado com um celular; por isso, fez-se necessário refazê-las para obter a resposta em vídeo, pensando nas nossas pautas audiovisuais e no conteúdo que poderia ser divulgado em nossas redes. Para que o trabalho ficasse mais organizado, desenvolvemos ainda um cronograma, revisado e corrigido pela orientadora, para que pudéssemos ver com mais clareza o progresso da produção ao longo das semanas e dos meses.

A decisão de contratar um desenvolvedor de website surgiu porque queríamos que a plataforma de nossa reportagem multimídia fosse personalizada de acordo com o nosso tema, o que não ocorreria usando plataformas para criação de sites a partir de “templates”, como o Wordpress e Wix. No sexto semestre do curso, tivemos a disciplina de Jornalismo On-line, com o prof. Aduino Molck, na qual precisamos produzir uma reportagem multimídia. Nesse caso, criamos nosso próprio site por meio do Wix, mas não ficamos satisfeitos com o resultado do design. A partir disso, pedimos recomendações de profissionais para nossa orientadora, que nos passou alguns contatos. Apesar de termos mandado mensagens para eles, não obtivemos resposta. Por conta disso, conversamos com um desenvolvedor conhecido, que teria mais flexibilidade para criar conosco e mais proximidade para trabalhar no projeto sempre que necessário, além de ter feito um preço mais amigável. Vale ressaltar que participamos de todo o processo de desenvolvimento do site, escolhendo as fontes, pensando na estética e cores usadas, além de criar todos os “banners” expostos.

Logo em agosto, com a volta às aulas, tivemos uma banca de qualificação, em que apresentamos o que havia sido feito até então, o que já incluía uma primeira versão do site, e quais seriam nossos próximos passos. Com o auxílio dos professores escalados para avaliarem nosso trabalho, ajustamos alguns detalhes da produção, como o nome de alguns capítulos e aspectos estéticos do site que tornariam a visualização e navegação mais agradáveis.

Ainda durante o mês de agosto, começamos a pensar no infográfico usado na pauta “Babado nas Ruas”, que, como dito, conta com um mapa com a localização das boates, bares e saunas em que o jornal era distribuído. Nesse

período, demos continuidade às entrevistas. Inicialmente, tivemos certa dificuldade na etapa de elaboração de perguntas, pois estávamos formulando questões muito superficiais e com respostas óbvias, que já havíamos obtido durante a apuração inicial. Isso ocorreu uma vez que entendíamos que, apesar de já sabermos a resposta de uma pergunta, queríamos aspas diretas da fonte em relação àquele assunto, para sua inclusão nos textos. Ao longo das orientações, entretanto, compreendemos que isso não deveria ser feito, mas sim que era importante perguntar novamente sobre o tema ao entrevistado, para obter, possivelmente, outros detalhes ou uma versão diferente do fato, sem buscar respostas que atendessem à nossa pré-estrutura textual – prática que vemos no mercado de trabalho.

O fato de termos muitas fontes envolvidas na produção tornou o processo de entrevistas longo. Além disso, a maioria delas reside em outras cidades, estados e até mesmo países. Por conta disso, só conseguimos marcar entrevistas presenciais com Paulo Mariante e Paulo Reis, que moram em Campinas e aceitaram nos receber em suas casas. Essas conversas foram gravadas com tripé e câmeras próprias, pensando nos vídeos que seriam produzidos. Com Mariante, foi preciso marcar duas entrevistas, para dar conta de todas as perguntas propostas para as pautas em que o personagem estava envolvido, e também porque ele se mostrou disposto a nos encontrar mais de uma vez. Quanto àqueles que moram em outros locais, marcamos entrevistas on-line, via plataforma Zoom. Em alguns casos, como com Regina Bottari, dividimos as conversas em vários dias, já que se tratava de um personagem-chave para a reportagem, e que se mostrou disponível e interessada no projeto. As entrevistas se estenderam até a metade de setembro, quando encerramos essa etapa.

A primeira entrevista realizada, ainda no período das férias, foi feita com Paulo Reis, em sua casa, com um smartphone em um tripé, uma câmera do tipo “GoPro”<sup>14</sup> e um microfone de lapela. Cometemos alguns erros na gravação, envolvendo sobretudo o enquadramento da câmera e o cenário – já que depois

---

<sup>14</sup> O dispositivo se trata de uma câmera digital compacta à prova d'água ideal para gravar cenas de ação. No nosso caso, entretanto, ela foi usada, pois era o único material à disposição, uma vez que decidimos não realizar gravações com o Laboratório de Imagem e Som da PUC-Campinas, para desenvolver nossas capacidades em realizar tais ações.

vimos que havia um produto de limpeza no fundo da imagem, além de não termos pensado em fazer imagens de apoio para os vídeos do projeto. Ao ver o resultado, a orientadora nos explicou os pontos problemáticos e como poderíamos melhorar nas próximas vezes. Ainda assim, em uma das gravações com Paulo Mariante, a câmera “GoPro” não funcionou, e perdemos algumas imagens. Essas dificuldades vieram, a nosso ver, do fato de que cursamos algumas disciplinas relacionadas à produção audiovisual ainda no período da pandemia, e não pudemos realizar gravações “in loco” nesse período, adquirindo experiência prática.

Nas gravações realizadas por Zoom, tivemos dificuldades quanto à estabilidade da internet, o que fez com que algumas travassem e ficassem “picotadas”, como ocorreu com Flávia Péret. Em outros casos, como com André Fischer, a fonte conversou conosco em um intervalo de seu trabalho, o que gerou interrupções ao longo da entrevista, uma vez que era um espaço compartilhado e outras pessoas passavam pelo local fazendo barulho ou conversando com a fonte. Também tivemos alguns problemas no enquadramento de alguns entrevistados: sempre pedíamos para a fonte se posicionar de forma centralizada, com a câmera na horizontal e em um ambiente bem iluminado. Um entrevistado, no entanto, acabou não seguindo essas orientações e realizou a gravação com a câmera na vertical andando por sua casa, o que prejudicou a qualidade do material.

Em setembro, entregamos a primeira parte do presente relatório à orientadora, criamos um perfil para o projeto no Instagram e passamos a postar materiais de divulgação do Que Babado!, seguindo calendário de publicações desenvolvido também em orientação. Já em outubro, refizemos o infográfico do Babado nas Ruas com base em pesquisa feita em todas as edições do jornal às quais tivemos acesso. Nesse processo, revisitamos todos os exemplares, buscando todos os anúncios neles veiculados. Com isso, anotamos os nomes dos anunciantes, o endereço dos estabelecimentos e checamos com as fontes em quais deles o Babado era distribuído. A partir disso, enviamos os endereços ao programador, para que ele pudesse adicionar às localizações ao mapa da cidade, como veremos melhor a seguir. Junto a isso, fizemos capturas de tela dos anúncios e os adicionamos à cada localização, para que os usuários

pudessem ter acesso a alguma imagem que remetesse aos anunciantes, uma vez que não tínhamos fotos dos estabelecimentos nos anos 90.

Nesse mesmo mês, redigimos os textos dos diferentes capítulos da reportagem. Em um primeiro momento, tivemos dificuldade com a definição dos leads e, por isso, pedimos orientação da professora para compreender melhor o que de fato merecia destaque. O processo de escrita foi longo, com muitas correções e devolutivas, até os textos ficarem claros e detalhados, de modo que a narrativa fosse facilmente compreendida por aqueles que não estão familiarizados com o tema. Como o processo de apuração foi bem longo e tivemos conversas com fontes desde junho, muitas vezes alguns fatos não ficavam claros em nossos textos, porque para nós algumas informações já estavam internalizadas. Outra dificuldade com os textos é que, como trata-se de sete capítulos, foi difícil para nós enxergarmos a reportagem como um todo, especialmente porque deveríamos levar em consideração que os capítulos poderiam ser lidos individual e exclusivamente pelos visitantes do site. Assim, repetimos informações ou deixamos fatos importantes ausentes, nas primeiras versões das reportagens. Porém, ao longo das entregas e com a ajuda da orientadora, fomos aprimorando esses aspectos. Importante dizer ainda que os textos mais extensos foram escritos em conjunto pela dupla, enquanto os mais curtos foram divididos, apesar de sempre revisados e complementados por aquele que não o havia escrito.

Com os textos finalizados, o material começou a ser diagramado no site pelo programador contratado. Adicionalmente, compramos o domínio oficial da página. Como o endereço quebabado.com.br já estava registrado, optamos por quebabadocampinas.com.br, para ressaltar o vínculo com a cidade. Durante os ajustes finais do site, o programador trabalhou na acessibilidade do projeto às pessoas com deficiência, aspecto que deixamos claro a ele ser importante para a produção. Aqui, era preciso que a transcrição do podcast estivesse disponível, em um hiperlink, e os textos e imagens fossem compatíveis com programas de leitura para cegos.

## 2.2. Processo de edição

O processo de edição começou ainda em julho, quando criamos o logo para o projeto. Optamos pelo símbolo de uma boca para se relacionar com a palavra “Babado”, simbolizando o ato de fofocar, e as cores da bandeira LGBTQ+, a fim de deixar claro que se trata de uma reportagem sobre a comunidade.



Figura 3: Logo da reportagem

Ainda durante aquele mês fizemos uma reunião com o programador do site para definirmos como seria a identidade visual e as páginas, e chegamos à ideia de repetir as cores do arco-íris, presentes no logo e na bandeira LGBTQ+, ao longo do site, mas de maneira sutil, para que não houvesse poluição visual. Também optamos por seguir uma estética com figuras que lembram recortes de jornais e revistas, com um toque “retrô”, para fazer referência ao periódico que estudamos. Em relação a um aspecto técnico do site, optamos por ter um desenho próprio, realizado por meio do Visual Studio, uma ferramenta de programação, e hospedado pelo desenvolvedor no serviço baseado em nuvem GitHub Pages.

Nossas ideias para o site, em geral, foram inspiradas na reportagem [Rota 66: A Confissão](#)<sup>15</sup>, do Estadão. Espelhamo-nos nela, pois achamos interessante a disposição das pautas que compõem a reportagem em capítulos, num menu horizontal, bem como a estética definida pelo Estadão, com destaque para as imagens no início de cada pauta. Achamos que esse modo de mostrar as

<sup>15</sup> <https://infograficos.estadao.com.br/especiais/rota-66-confissao/>



subpautas traz dinamismo e fluxo de leitura mais agradável para aqueles que irão acessar a reportagem.

Ainda em relação a estética do site, optamos por fontes sem serifa para uma melhor legibilidade de nosso texto. Para o corpo e título, buscamos por fontes que, apesar de estarmos tratando de um jornal dos anos 90, fossem mais atuais e trouxessem a distinção e personalidade que buscamos ao desenharmos o site por conta própria. Vale também notar que, apesar de imagens, vídeos e infográficos poderem ocupar a tela toda na fase mais recente das produções do webjornalismo (Longhi, 2014, p. 909), optamos por não fazermos desse modo. Caso “vazássemos” imagens, vídeos, áudios, e mapas, entendemos que equilíbrio com os textos obtido num desenho mais “bloqueado” seria quebrado, e o site ficaria desarmônico.

Por fim, é importante pontuar que o site foi diagramado para diversos tipos de dispositivos, e com isso, vários tipos de tela. Por conta dessa diversidade de possibilidades de telas e configurações, em alguns aparelhos, algumas partes da reportagem podem ter “viúvas”, que são as palavras ou letras que sobram ao final de um parágrafo ou frase. Em síntese, priorizamos sempre a boa navegabilidade, legibilidade e compreensão de nossa reportagem. Foi o que buscamos fazer em nosso projeto, como demonstram as páginas a seguir:



Figura 4: Home do site da reportagem “Que Babado”



Figura 5: Exemplo da capa de um capítulo

**E**m 1996, as primeiras edições do [Babado](#), jornal pioneiro LGBT+ de Campinas, começavam a circular. O periódico surgiu como uma extensão do Expressão, entidade de Campinas que lutou em defesa dos direitos humanos, principalmente para a comunidade gay da época. Fundado pelo engenheiro agrônomo e ativista Fernando Tambolato, falecido em 2017, e seu companheiro, o jornalista Jairo Silva, também já morto, a organização foi o primeiro grupo militante oficial da cidade.

O Expressão, por sua vez, foi gerado por um movimento informal, chamado Conviver. Era uma roda de conversa entre homens gays que tinha a intenção de debater assuntos como a prevenção contra infecções sexualmente transmissíveis e direito dos homossexuais à união civil. “Não era um grupo de militância, mas era um grupo para conversas”, reforça [Paulo Mariente](#), 60, que não fez parte do Conviver, mas esteve envolvido na fundação do Expressão.

Três membros do Conviver participaram de uma palestra realizada pelo professor Luiz Mott, 77, fundador do [Grupo Gay da Bahia](#), em 1995. Entre eles, estava Fernando Tambolato, que, motivado pela apresentação de Mott e por sua vivência em países da Europa em que pessoas LGBT+ contavam com mais direitos, decidiu fundar o Expressão.

“Para os gays, os espaços de convivência eram só os espaços da noite. Nenhum espaço ia falar de discriminação. Então, o Expressão surgiu muito com essa cara”, relembra Mariente. O advogado ainda afirma que, na época de sua criação, o grupo contava com cerca de 25 membros.

Figura 6: Exemplo de um texto no site

Também começamos, junto ao programador, a pensar no mapa para a pauta “Babado nas Ruas”. Concluímos que a melhor opção seria utilizar uma aplicação do Google Maps com as localizações dos lugares em que o Babado era distribuído em Campinas (seguindo ainda orientação dada na banca de qualificação). Nele, indicaríamos os endereços com a boca do logo do site. Ao clicar no ícone, abre-se uma “ficha”, com dados do estabelecimento e um dos anúncios feitos pelas casas no jornal.

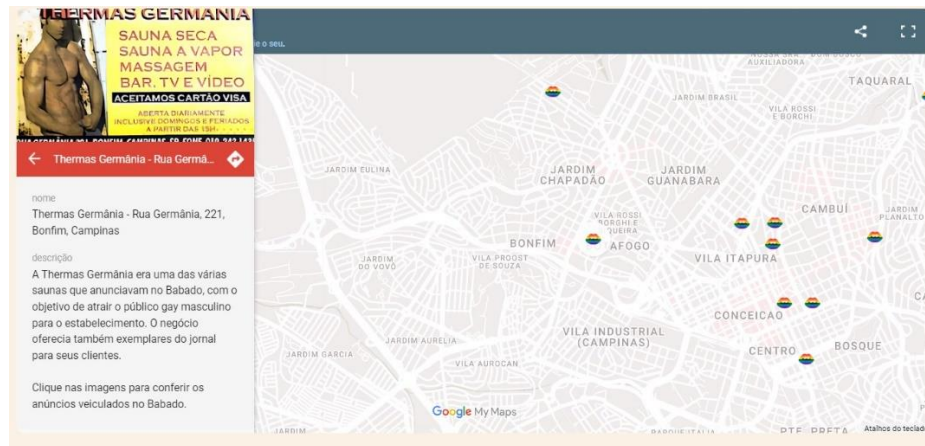


Figura 7: Mapa da pauta “Babado nas Ruas” no site

Em agosto, começamos a preparar a vinheta que compõe tanto os dois vídeos principais do site quanto o “trailer”. Nosso objetivo era mostrar páginas e capas do Babado. Para isso, selecionamos imagens a partir das manchetes mais chamativas, engraçadas e marcantes do jornal. Foi a partir de uma fala da orientadora, comentando que o Laboratório de Imagem e Som da PUC-Campinas (Labis) poderia fazer animações, que tivemos a ideia de animar o logotipo, para que desse a impressão de que a boca estava dizendo o nome da reportagem em um sussurro — novamente, remetendo ao ato de fococar. Realizamos um breve roteiro para descrevermos ao editor como desejávamos desenvolver a vinheta. A música presente no clipe foi escolhida na ilha de edição, com a ajuda de Artur Cardoso dos Santos, profissional do Labis. Após ouvirmos algumas opções disponível online, acabamos optando por uma música de um canal do YouTube, sem direitos autorais.

Enquanto fazíamos o restante das entrevistas, em setembro, começamos a trabalhar nos roteiros dos vídeos e do podcast. Houve diversas correções, para que conseguíssemos uma estrutura que nos parecia dinâmica, porém clara. Fizemos ainda uma primeira versão dos vídeos, em nossos computadores pessoais, para compreender se o roteiro refletia o que objetivávamos com o material. A edição audiovisual do Que Babado! Foi feita no mês seguinte, em outubro, no Labis, supervisionada por nós. Fizemos correções constantes com a orientadora por meio de “previews” disponibilizadas pelo editor. A edição começou pelo vídeo “Nasce o Babado”. Aqui, enfrentamos algumas dificuldades, como correção dos enquadramentos de algumas gravações presenciais e necessidade de realizar muitos cortes nas falas de alguns personagens, para dar

ritmo aos depoimentos. Como imagens de cobertura, utilizamos páginas do jornal e manchetes de outros veículos de imprensa brasileiros sobre a Aids nos anos 80. O segundo vídeo a ser editado foi o referente à “Imprensa Gay”. O processo de edição foi bem similar, com manchetes da época e capas de veículos LGBTQ+ como o Lampião da Esquina e a G Magazine. Além disso, também trecho de uma reportagem do Fantástico sobre a pandemia da Aids foi utilizado, bem como vídeos da G Magazine. O “trailer”, pelo caráter mais simples, foi editado rapidamente e sem grandes alterações, com a mesma trilha da vinheta.



Figura 8: Exemplo do “trailer” da reportagem

Após todo este primeiro processo de edição, passamos a fazer os GCs<sup>16</sup> com o nome e funções dos entrevistados. A ideia era que a “boquinha” do logo estivesse presente, com uma cor mais suave no fundo do texto, para que os elementos não se destacassem mais que o que estava sendo dito pelo entrevistado. Após a confecção dos GCs, partimos para as legendas, realizadas automaticamente no software de edição de vídeo, que foram idealizadas desde o início pensando na acessibilidade do site. Apesar de uma revisão atenta das legendas, que foram idealizadas para mantermos o site acessível a todos, alguns

---

<sup>16</sup> GCs são Geradores de Caracteres. O recurso é usado para dar créditos em um produto audiovisual ou identificar pessoas.

erros como vírgulas e outras pontuações permaneceram e tivemos que retornar para o Labis no fim de novembro, para essas correções.

Algo interessante de pontuar é que, em entrevista, Eduardo Gregori comentou que Orlando Moraes, conhecido pelo seu nome de drag queen Helloa Meirelles, possuía fitas cassete com imagens da cena gay dos anos 90 que pudessem ilustrar nossa reportagem. Visitamos presencialmente Moraes, mas acabamos optando por usar apenas uma foto disponibilizada por ele, já que ele não possuía nada especificamente do jornal em seus arquivos. Essa imagem foi usada como foto de capa do capítulo “Anos de Ferveção”. Nesse sentido, é importante ressaltarmos ainda que nenhum ex-membro do Babado tinha imagens da época. Regina Bottari, Paulo Mariante e Eduardo Gregori se lembravam de ter álbuns de fotos, mas nunca chegaram a achá-los. Regina nos enviou apenas uma imagem sua, da época em que trabalhava no jornal, mas em outro contexto. As imagens dos integrantes já mortos Jairo da Silva e Fernando Tambolato obtivemos por meio de uma reportagem do próprio “Babado”, no caso do primeiro, e de buscas na internet, no caso do segundo (e confirmamos, com nossas fontes, se tratava-se de fato do fundador do jornal).

Quanto à edição dos textos, uma das maiores dificuldades os títulos e linhas-finas, em que acabávamos sempre fugindo da informação exposta no lead. Por fim, criamos nesse processo de edição uma galeria para mostrar uma edição do Babado na íntegra para nossos leitores. Junto a essa galeria, também adicionamos em nosso site um “link” para um Google Drive com todas as edições do jornal que conseguimos coletar. Aqui, disponibilizamos os números que nós mesmos escaneamos, em acervo da Unicamp. Não disponibilizamos as edições cedidas por Julio Teodoro, pois, como dito, seria necessária uma autorização do grupo Dignidade, de Curitiba, e como as edições que havíamos escaneado eram em sua maioria as mesmas de Julio, acabamos optando por utilizar apenas as nossas. Ainda é importante frisar que as edições do Babado não foram digitalizadas nem pela Unicamp e nem pelo grupo Dignidade, o que faz com que a nossa reportagem seja o primeiro acervo digital com o jornal gay campineiro.

Por fim, vale ressaltar que todas as artes presentes no Que Babado! são de nossa autoria, feitas a partir da ferramenta de design Canva<sup>17</sup>, com exceção

---

<sup>17</sup> <https://www.canva.com/>

do infográfico “Babado nas Ruas”, como já dito. Procuramos seguir a identidade visual do site, com elementos que remetiam a cores do arco-íris e à irreverência do jornal. Uma dessas artes está presente na pauta “Anos de Ferveção”, em que criamos uma galeria reunindo algumas capas do jornal, para mostrar aos nossos leitores como era o veículo. No capítulo “Elas por Elas”, trouxemos três textos publicados no Babado que são importantes para entendermos a situação das mulheres lésbicas na redação do periódico. Como os exemplares do Babado foram escaneados, os textos não ficaram tão legíveis, e por isso decidimos transcrevê-los. No capítulo “Depois do Fim”, uma galeria traz as fotos dos ex-membros do jornal na atualidade, com as atividades que seguiram após o fim do periódico, como se pode ver nos exemplos abaixo:

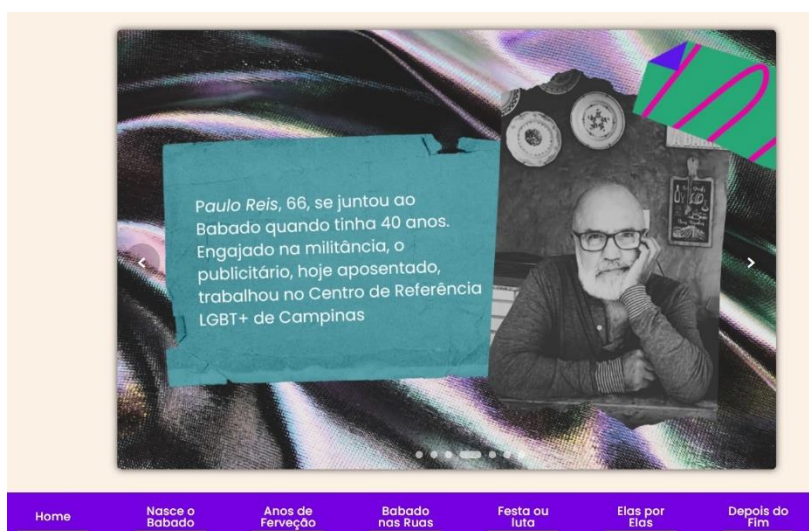


Figura 9: Exemplo de galeria presente no site

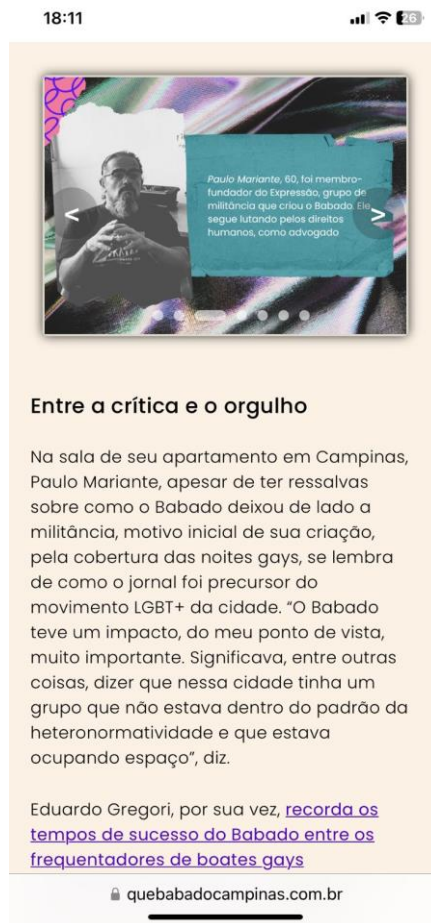


Figura 10: Página do “Que Babado” para celular, com galeria de fotos

Em novembro, o último mês de produção, entregamos a segunda parte do relatório, revisamos todos os textos escritos, finalizamos suas diagramações no site e entregamos o projeto à orientadora e à banca, para que, em dezembro, fosse feita a apresentação para a avaliação do projeto.

### 2.3. Projeto de divulgação

Desde o início, o Instagram foi pensado como a plataforma de divulgação para o site. Com o @queabadocampinas, fizemos 20 publicações, com foto e vídeos, entre as semanas do dia 28 de agosto a 27 de novembro. A identidade visual do site está presente também nessa página: as fontes presentes no logo se repetem nas postagens e o fundo feito com páginas do jornal também foi utilizado nas publicações. As cores da bandeira do movimento LGBTQ+ também aparecem de diversas maneiras no perfil.

Estruturamos ainda um cronograma de postagens (ver Quadro 1). Para a primeira semana, uma montagem com textos e fotos retiradas das páginas do

Babado serviu como um “teaser” para os seguidores. Na segunda semana, mais dois posts foram feitos. Ambos em formato carrossel, ressaltavam a importância da reportagem e de contar a história do Babado, bem como uma apresentação dos autores da reportagem.

Após isso, a próxima semana consistiu em uma breve apresentação dos principais personagens da reportagem multimídia. Os ex-membros do Babado Eduardo Gregori, Maria Helena Freitas, Paulo Mariante, Paulo Reis e Regina Bottari apareceram em vídeos individuais, com falas importantes, seguidas de uma breve vinheta. As semanas finais de postagens focaram nos bastidores da reportagem, com um vídeo mostrando como foi feita a vinheta, breves descrições sobre cada um dos sete capítulos desenvolvidos na reportagem, imagens do Babado e o “trailer” da reportagem, que também estará disponível na homepage do site.



Figuras 11, 12 e 13: Exemplo de carrossel publicado no Instagram

### Quadro 1: Cronograma de postagens no Instagram

AGOSTO	
28 a 3	Primeiro post do Instagram. Nele damos destaque a uma página do jornal em que se lê “Qual o Babado do Leitor?” coberto por uma lupa. O intuito era instigar a curiosidade dos seguidores e fazer referência ao jornal.
SETEMBRO	
4 a 10	Segundo post do Instagram (logo)
11 a 17	Terceiro post do Instagram (O que é o projeto)
18 a 24	Quarto post do Instagram (Quem somos)
25 a 1	Quinto post Instagram (introduzir fontes-chave do Babado – Paulo Mariante)



<b>OUTUBRO</b>	
<b>2 a 8</b>	Sexto post Instagram (introduzir fontes-chave do Babado – Paulo Reis)
<b>9 a 15</b>	Sétimo post Instagram (introduzir fontes-chave do Babado – Regina Bottari)
<b>16 a 22</b>	Oitavo post Instagram (introduzir fontes-chave do Babado – Maria Helena)
<b>23 a 29</b>	Nono post Instagram (introduzir fontes-chave do Babado – Eduardo Gregori)
<b>30 a 5</b>	Divulgação de trecho do “trailer”
<b>NOVEMBRO</b>	
<b>6 a 12</b>	Divulgação de bastidores
<b>13 a 19</b>	Post com imagens do jornal
<b>20 a 26</b>	Apresentação das pautas
<b>27 a 30</b>	Apresentação das pautas Convite para a banca de defesa

Vale ressaltar que o vídeo mostrando os bastidores de criação da vinheta também será postado no perfil pessoal de ambos os autores da reportagem no Instagram e nos seus canais no TikTok, a fim de trazer mais “engajamento” para a página e, conseqüentemente, para a reportagem.

A partir da última semana de novembro e início de dezembro, o link do site ficará disponibilizado na “bio” do perfil, e a banca do TCC também será transmitida pelas redes sociais. Decidimos por essa ação porque muitos dos nossos entrevistados não moram em Campinas, e até mesmo os que estão na região comentaram que não poderão estar presentes na banca, mas que tinham interesse em vê-la.

O link para o site da reportagem “Que Babado” também será disponibilizado para os especialistas e ex-membros do Babado que entrevistamos. Os entrevistados também foram incentivados a seguir o perfil, e, sempre que possível, marcamos em nossas postagens os perfis dos entrevistados. Por fim, nós temos como objetivo enviar o projeto finalizado para todas as fontes, pedindo que divulguem o site, além de procurar grupos de

ativismo LGBTQ+ de Campinas e região que também possam retransmitir a reportagem na comunidade.

#### 2.4. Custos e gastos

Como dito anteriormente, optamos por contratar um programador que pudesse desenhar o site de um modo mais autoral e com design criativo. O programador Pedro Palomo, que trabalhou conosco de junho até novembro, atendeu nossas demandas e realizou as modificações no site. O valor de R\$ 700 que pagamos por seu trabalho foi dividido entre nós. A fim de mantermos o site, desembolsamos uma quantia de R\$ 40 que nos permite manter o domínio da página <https://quebabadocampinas.com.br/> por um ano (ver Quadro 2). Pretendemos também pagar nos anos seguintes para mantermos a reportagem ativa. Vale ressaltar que gastamos um valor pequeno no transporte, quando eventualmente tivemos que pegar um carro por aplicativo para entrevistar uma fonte presencialmente.

**Quadro 2: Gastos da reportagem**

<b>GASTOS</b>	
Desenvolvedor de website	R\$ 700,00
Domínio de website	R\$ 40,00
<b>TOTAL</b>	<b>R\$ 740,00</b>

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANAVILHAS, João Manuel Messias. Do jornalismo online ao webjornalismo: formação para a mudança. **Comunicação e Sociedade**, [S. l.], v. 9, n. 10, p. 113–119, 2006. Disponível em:

<https://revistacomsoc.pt/index.php/revistacomsoc/article/view/1219> . Acesso em: 22 mai. 2023.

COSTA, Julio T; QUELUZ, Marilda L. P. Lulu Lurex e as tecnologias de gênero presentes no jornal Babado (1996). In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 12., 2021. Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis, 2021, 11 págs. Disponível em: <

[https://www.en.fg2021.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/fg2020/1629899574\\_ARQUIVO\\_6ee0c01871ee462843865059d2348d3c.pdf](https://www.en.fg2021.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/fg2020/1629899574_ARQUIVO_6ee0c01871ee462843865059d2348d3c.pdf). Acesso em: 29 mar. 2023.

COSTA, Julio T. **Qual é o Babado?** O design gráfico como tecnologia de gênero em um periódico LGBTQIA+ de Campinas (1996-1998). 2021, 158 folhas. Dissertação (em Mediações e Culturas). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2021. Disponível em:

<http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/25498/1/designgraficotecnologiaenero.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2023.

DARDE, Vicente William da Silva. A construção de sentidos sobre a homossexualidade na mídia brasileira. **Em Questão**, v. 14, n.2, 2008, p. 223-234. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4656/465645959007.pdf> Acesso em: 19 abr. 2023

FÁTIMA, Branco Di. Depois do frenesi: Uma historiografia do jornalismo longform na internet. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 30, p. 1-15, jan-dez 2023.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital**. 4ed. São Paulo: Contexto, 2010.

FERREIRA JUNIOR, Sergio do Espírito Santo; COSTA, Alda Cristina. Homossexuais, transsexuais e violência. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Intercom, 2015.

JORGE, Thaís Mendonça. **Manual do Foca**: Guia de sobrevivência para jornalistas. São Paulo: Contexto, 2008.

LIMA, Marcus Antônio Assis. Breve histórico da imprensa homossexual no Brasil. BOCC. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, 2001.

Disponível em:

[https://www.academia.edu/6107411/Breve\\_hist%C3%B3rico\\_da\\_imprensa\\_homossexual\\_no\\_Brasil](https://www.academia.edu/6107411/Breve_hist%C3%B3rico_da_imprensa_homossexual_no_Brasil) Acesso em: 19 abr.2023

LONGHI, Raquel. A grande reportagem multimídia como gênero expressivo no ciberjornalismo In: HENRIQUES, Fernanda *et al.* (org). **Gênero, notícia e transformação social**. Aveiro: Ria Editorial, 2019.

LONGHI, Raquel. O turning point da grande reportagem multimídia. **Revista Famecos**, Porto Alegre v. 21, n. 3, p. 897–917, 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/18660>. Acesso em: 27 mar. 2023.

MELO, Ian Ferreira de. **Ativismo LGBT na imprensa brasileira**: Análise crítica da representação de atores sociais na Folha de S. Paulo. 385f. Tese (Doutorado em Filosofia e Língua Portuguesa) – USP, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-04072013-100403/en.php> . Acesso em: 19 abr. 2023

NONATO, Murilo Nascimento. A imprensa gay no Brasil: Um reforço do comportamento heteronormativo e produção de corpos abjetos. In: Seminário Internacional Desfazendo Gênero, 4., Natal. **Anais [...]**. Natal: UFRN, 2013. Disponível em: [https://www.academia.edu/4934602/A\\_imprensa\\_gay\\_no\\_Brasil\\_um\\_refor%C3%A7o\\_do\\_comportamento\\_heteronormativo\\_e\\_produ%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_corpos\\_abjetos](https://www.academia.edu/4934602/A_imprensa_gay_no_Brasil_um_refor%C3%A7o_do_comportamento_heteronormativo_e_produ%C3%A7%C3%A3o_de_corpos_abjetos) Acesso em: 19. Abr de 2023.

PALACIOS, Marcos. Memória: Jornalismo, memória e história na era digital. . In: CANAVILHAS, João (Org). **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. [S.I]: Labcom, 2014. Disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/4336> . Acesso em: 22 maio.2023

PÉRET, Flávia. **Imprensa gay no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2009.

QUASE 40% dos jornalistas LGBT já sofreram discriminação no trabalho, em São Paulo. **Federação Nacional dos Jornalistas**, 2017. Disponível em: < <https://fenaj.org.br/quase-40-dos-jornalistas-lgbt-ja-sofreram-discriminacao-no-trabalho-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 29 mar. 2023.

RODRIGUES, Carla. Ainda em busca de definições para o jornalismo on-line. In: RODRIGUES, Carla *et al.* **Jornalismo on-line: modos de fazer**. Rio de Janeiro: Editora Sulina, 2009, p. 13-35.

RODRIGUES, Fábio. Características que sustentam as reportagens longform na internet. **Pós em Revista**, Vitória, v. 1, n. 1, p. 145- 156, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uniuv.edu.br/posemrevista/article/view/411> Acesso em: 26 abr. 2023

SALAVERRÍA, Ramón. Multimedialidade: Informar para os cinco sentidos. In: CANAVILHAS, João (Org). **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. [S.I]: Labcom, 2014. Disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/4336> . Acesso em: 22 maio.2023

SANTOS, Paulo Reis. Tensões e desafios: LGBTs e o poder público?. **Revista de Psicologia da UNESP**, p.147-164, 2010. Disponível em: < [http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1891\\_892\\_reispaulo181-785-5-PB.pdf](http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1891_892_reispaulo181-785-5-PB.pdf)>. Acesso em: 29 mar. 2023.

SANTOS, Renato Caio Silva; SCHOR, Néia. As primeiras respostas à epidemia de aids no Brasil: influências dos conceitos de gênero, masculinidade e dos movimentos sociais. **Psicologia Revista**, v. 24, n. 1, p. 45–59, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/24228> . Acesso em: 23 abr. 2023.

SCHULTZ, Leonardo; BARROS, Patrícia Marcondes de. O Lampião da Esquina: Discussões de gênero e sexualidade no Brasil no final da década de 1970. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 8, Guarapuava. **Anais [...]**. Guarapuava: UNICENTRO, 2011. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/324623049\\_O\\_lampiao\\_da\\_esquina\\_discussoes\\_de\\_genero\\_e\\_sexualidade\\_no\\_Brasil\\_no\\_final\\_da\\_decada\\_de\\_1970](https://www.researchgate.net/publication/324623049_O_lampiao_da_esquina_discussoes_de_genero_e_sexualidade_no_Brasil_no_final_da_decada_de_1970) Acesso em: 19 abr. 2023

SOUSA. Elementos de Jornalismo Impresso. BOCC. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**. 2001. Disponível em: <http://bocc.ufp.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf> . Acesso em: 3 jun. 2023

ZANOLI, Vinicius. A visibilidade em disputa: Notas sobre a utilização do espaço urbano pelo movimento LGBT em Campinas. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 10 2013. Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis, 2013. Disponível em: [https://www.academia.edu/28031371/A\\_VISIBILIDADE\\_EM\\_DISPUTA\\_NOTAS\\_SOBRE\\_A\\_UTILIZA%C3%87%C3%83O\\_DO\\_ESPA%C3%87O\\_URBANO\\_P\\_ELO\\_MOVIMENTO\\_LGBT\\_EM\\_CAMPINAS](https://www.academia.edu/28031371/A_VISIBILIDADE_EM_DISPUTA_NOTAS_SOBRE_A_UTILIZA%C3%87%C3%83O_DO_ESPA%C3%87O_URBANO_P_ELO_MOVIMENTO_LGBT_EM_CAMPINAS) . Acesso em: 29 mar. 2023.

ZANOLI, Vinicius. **Políticas, sexualidades e espaços em disputa**: uma etnografia do movimento LGBT em Campinas. 2012, 98 folhas. Monografia (em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: [http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1891\\_892\\_reispaulo181-785-5-PB.pdf](http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1891_892_reispaulo181-785-5-PB.pdf)>. Acesso em: 29 mar. 2023.

ZANOLI, Vinicius. Processos políticos e a produção de papéis e significados: uma análise das relações entre o Estado e o movimento LGBT na criação do Centro de Referência GLTTB de Campinas – SP. **Primeiros Estudos**, São Paulo, [S. l.], n. 4, p. 156-166, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/primeirosestudos/article/view/56734>. Acesso em: 29 mar. 2023.

**ANEXOS****Roteiros de edição**

Data:	Nº fita bruta: 2min8	Câmera:	Editor de texto:	Retranca: TRAILER			
Produtor(a) / Pauteiro (a):  Repórter:							
Ano:	4º	Turma:	NOT	Período:	8º	Professor (a):	Juliana Doretto

Take	Seleção	Descrição	Off , Passagem, Sonora
	23:10 - 23:26 (16s)	Regina Vídeo 1 parte 2	O BABADO / VEIO MOSTRAR PRA CAMPINAS /PRO MUNDO/ O QUE ERA SER HOMOSSEXUAL/QUE A GENTE ERA ALEGRE/ QUE A GENTE ERA BONITO/ QUE A GENTE TRABALHAVA/ QUE A GENTE TINHA FAMÍLIA
	10:57-11:08 (11s)	Paulo Reis	E VOCÊ SABE UM POUÇO COMO ERA O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO JORNAL? ERA ESQUIZOFRÊNICO/ TOTAL (RISOS)
	36:11 - 36:22 (11s)	Eduardo Gregori Parte 1	MAS O MAIS ENGRAÇADO/ É QUE AS PESSOAS GOSTAVAM PORQUE/ TRABALHAR NO BABADO DAVA UM STATUS NA NOITE/ SABE? É MAIS OU MENOS COMO SE VOCÊ FOSSE UM INFLUENCER HOJE
	13:20 - 13:32 (12s)	Paulo Reis	A GENTE TAVA CARENTE DE PUBLICAÇÕES E O GRANDE SUCESSO ERA QUE O JORNAL ERA DISTRIBUÍDO GRATUITAMENTE NOS ESPAÇOS
	38:00 - 38:12 (12s)	Paulo Mariante Entrevista 1	ESSA SENSAÇÃO DE AJUDAR A CONSTRUIR, INCLUSIVE UM ESPAÇO ONDE AS PESSOAS COMEÇAVAM A SE RECONHECER E REAGIR CONTRA ESSA DISCRIMINAÇÃO TODA, EU ACHO QUE FOI UMA DAS COISAS MAIS IMPORTANTES

4:45 - 4:59 (14s)	Maria Helena - Parte 1	ELES ERAM CHATOS PRA CARAMBA/ EU ACHAVA/ MUITO PRECONCEITUOSOS MESMO EM RELAÇÃO ÀS LÉSBICAS
3:56 – 4:02 (6s)	Regina Entrevista 4 (parte 1)	EU ACHO QUE EU LEVEI UNS 5 OU 6 MESES PARA CONSEGUIR COLOCAR O MEU PRIMEIRO TEXTO E ELES ACEITAREM
10:33 - 10:39 (6s)	Paulo Mariante 2	MAS O BABADO/ ACABAVA FICANDO MAIS NAQUELA PARTE/ NAQUELA IDEIA DO GLAMOUR
11: 40 - 11: 50 (10s)	Paulo Mariante 2	ACHO QUE TINHA ESSE OLHAR DA POLÍTICA COMO UMA COISA CHATA /COMO UMA COISA QUE NÃO ERA ATRAENTE
8:48 - 9:03 (15s)	Entrevista Regina 4 (parte 2)	EU ACHO QUE ALGUMA PORTA A GENTE ABRIU// DO NOSSO JEITO LOUCO/DO NOSSO JEITO INSENSATO/ DO NOSSO JEITO PURPURINA//PORQUE DIZEM QUE GAY NÃO MORRE/ VIRA PURPURINA
0:00 - 0:15	VINHETA	



Data:	Nº fita bruta:	Câmera:	Editor de texto:	Retranca:			
01/10/23	5min43s			SURGE O BABADO			
Produtor(a) / Pauteiro (a):							
Repórter:							
Ano:	4º	Turma:	NOT	Período	8º	Professor (a):	Juliana Doretto

Take	Seleção	Descrição	Off , Passagem, Sonora
	21:42-22:15 (33s)	Paulo Reis	FOI ALGO/ IMAGINO/ REVOLUCIONÁRIO// DE REPENTE/ VOCÊ TÁ NUMA CIDADE DO INTERIOR/ COM A HISTÓRIA DE CAMPINAS/ CONSERVADORA/ PRECONCEITUOSA/ AÍ/ SURGE UM JORNAL/ UM BANDO DE GAYS SE JUNTA E BOTA NA CARA DE TODO MUNDO ESSE MONTE DE HOMEM PELADO/ ISSO CAUSA UM TREMOR //
	0:00 - 0:15 (15s)	BG:	VINHETA  (FADE)
	12:41s- 13:00 (19s)	Regina (vídeo 1- parte 1)	O BABADO/ ELE TEM UMA HISTÓRIA LEGAL/ PORQUE ELE É UM JORNAL BONITO/ EU ACHAVA O BABADO MUITO BONITO// E EU AINDA ACHO// E ACHO MAIS BONITO AINDA A OUSADIA DE FAZER O QUE A GENTE FEZ NAQUELES ANOS// A GENTE
	00:00-00:12 (12s)	Imagens de	CHOCAVA MESMO/ E A INTENÇÃO ERA ESSA//  Fotos:Capa Babado 1; 3; 4; 5; 6; 7; 8.

		cobertura a partir de 12:44 até 12:56	
	30:05- 30:15 (10s)	Paulo Mariante (vídeo 1)	TINHA MUITA IRREVERÊNCIA/ ERA UMA COISA QUE MARCAVA MUITO O JORNAL/ ALIÁS/ O NOME BABADO JÁ AJUDAVA MUITO NISSO/ O NOME JÁ ERA IRREVERENTE
	00:00-00:13 (13s)	Imagem	Telinha escrito: “O Babado foi o primeiro jornal LGBT+ de Campinas. Foi criado em 1996, por integrantes do Grupo Expressão, voltado à defesa dos direitos da comunidade gay.
	0:23-0:40	ÁUDIO VÍDEO 1 PAULO MARIANTE	O EXPRESSÃO/ ELE FOI  DECORRENTE DE UM PROCESSO QUE EXISTIU EM CAMPINAS COM UM GRUPO QUE ERA LIGADO/ NA ÉPOCA NÃO ERA NEM PROGRAMA MUNICIPAL DST-AIDS/ QUE HOJE É IST//
	0:00- 0: 40	COBERTURA MARIANTE 6	*Colocar legenda na tela: “ISTs são Infecções Sexualmente Transmissíveis”..
	21:32 - 21:45 (13s)	Vídeo Regina 1 (parte 1)	QUEM FUNDOU MESMO FOI O FERNANDO TAMBOLATO E FOI O JAIRO SILVA/ O PAULO MARIANTE TAMBÉM FEZ PARTE DESSA FUNDAÇÃO//
	0:00- 0:10	Imagens Jairo	
	22:18-22:27; 23:08-23:24; 23:43-23:47; 23:53-24:18 (54s)	Vídeo Regina 1 (parte 1)	TUDO COMEÇOU PORQUE O FERNANDO ERA FUNCIONÁRIO DO INSTITUTO AGRONÔMICO AÍ DE CAMPINAS/ ELE ERA PESQUISADOR//

			E O FERNANDO CHEGOU AQUI/ COMEÇOU A NAMORAR O JAIRO E ELE QUERIA COLOCAR O JAIRO COMO DEPENDENTE DELE DO PLANO DE SAÚDE DELE DO INSTITUTO AGRONÔMICO E NÃO DEIXARAM// NÃO TINHA NENHUMA LEI/ NÃO TINHA NADA QUE ELE PUDESSE FAZER// E AÍ ELE RESOLVEU/ PENSARAM PENSARAM PENSARAM/ JÁ EXISTE NO MUNDO
1:11 - 1:27 (16s)	Vídeo Paulo Mariante 1		INTEIRO VÁRIOS GRUPOS DE DEFESA E FALARAM VAMO EM FRENTE/ NÉ//  AÍ TEVE O FATO/ VAMOS CHAMAR DE COINCIDÊNCIA/ DE QUE VEIO A CAMPINAS O LUIZ MOTT/ QUE ERA UMA GRANDE REFERÊNCIA DO MEIO/ E ELE FEZ UMA REUNIÃO COM O PESSOAL DO CONVIVER//
1:29 - 1: 33 (4s)	Áudio Vídeo Paulo Mariante 1		ESSA REUNIÃO FOI/ DE CERTA MANEIRA, UM ESTÍMULO PRA FUNDAÇÃO//
0:20 - 0:24 (4s)	Vídeo Paulo Reis		A CENA ERA BASTANTE INTENSA/ DÉCADA DE 90//
0:31 - 0:45 (14s)	Vídeo Paulo Reis		A GENTE TAVA SAINDO DE UMA DITADURA/ TINHA UMA DOENÇA QUE ERA EXTREMAMENTE GRAVE/ QUE ERA A AIDS//
6:03 - 6:16 (13s)	Vídeo Paulo Reis		E/ ASSIM/ PRA QUEM NÃO VIVEU AQUELE PERÍODO/ ACHO QUE É MUITO DISTANTE/ MAS FOI ALGO ASSIM EXTREMAMENTE BRUTAL/ ERA APAVORANTE/ PORQUE ASSIM/ EU TIVE AMIGOS QUE MORRERAM//

	00:00- 00:09 (9s)	Imagens de cobertura a partir de 6:03 até 6:12	Fotos: Manchete AIDS 1; 2; 5; 6; 8; 9
	23:06 - 23:46 (40s)	Vídeo Paulo Mariante 1	A IDEIA DO JORNAL/ ERA UM JORNAL QUE FOSSE UM VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO TENTANDO COLOCAR DESDE INFORMAÇÕES SOBRE DIREITOS ATÉ OUTRAS QUESTÕES/ ESPAÇO PRA POESIA/ CRÔNICAS/ SAÚDE/ ATÉ PARTES ASSIM/ DE HUMOR/ ERA UMA IDEIA DE UM JORNAL QUE TIVESSE UMA DIVERSIDADE NAQUILO QUE ELE IA EXPRESSAR PRA QUE TAMBÉM CIRCULASSE MAIS//
	00:00-00:14 (14s)	Imagens de cobertura a partir de 23:22 até 23:36	Fotos: Textos Babado 5; 3; 4; 6; 2
	35:36 - 35:49 (13s)	Vídeo Paulo Mariante 1	ERA A IDEIA DE QUE A GENTE TAVA AJUDANDO A CONSTRUIR UM CERTO FUTURO/ A GENTE SABIA QUE NAQUELE MOMENTO OS LIMITES COLOCADOS ERAM MUITOS//
	5:47 - 5:57 (10s)	MARIANTE COBERTURA 7 DE 35:43 A 35:49	
	5:47 - 5:57 (10s)	Vídeo Regina 1 (parte 2)	E CAMPINAS ERA MUITO PRECONCEITUOSA/ MUITO CONSERVADORA/ UMA QUESTÃO DE FALSO MORALISMO E ISSO IA PRA POLÍTICA E O PODER PÚBLICO TAMBÉM//
	00:00-00:06 (6s)	Imagens de cobertura a partir	Vídeo Campinas de 00:03 até 00:09

		de 5:50 até 5:56	
	13:20- 13:32 (12s)	Vídeo Paulo Reis	A GENTE TAVA CARENTE DE PUBLICAÇÕES E O GRANDE SUCESSO ERA QUE O JORNAL ERA DISTRIBUÍDO GRATUITAMENTE NOS ESPAÇOS//
	38:00 - 38:12 (12s)	Vídeo Mariante 1	ESSA SENSAÇÃO DE AJUDAR A CONSTRUIR, INCLUSIVE UM ESPAÇO ONDE AS PESSOAS COMEÇAVAM A SE RECONHECER E REAGIR CONTRA ESSA DISCRIMINAÇÃO TODA/ EU ACHO QUE FOI UMA DAS COISAS MAIS IMPORTANTES/
	36:46 - 36:58 (12s)	Vídeo Paulo Reis	EU ACHO QUE FOI UM MOMENTO HISTÓRICO/ EXTREMAMENTE RICO// COM TODAS AS POLÊMICAS/ AS DESAVENÇAS/ MAS ISSO FAZ PARTE DO JOGO DA VIDA/ NÉ?//
	24:21 - 24: 31 (10s)	Vídeo Regina 1 (parte 2)	A GENTE ARROMBOU PORTAS/ A GENTE QUEBROU JANELAS/ A GENTE DERRUBOU TABUS/ E A GENTE FEZ O QUE ERA POSSÍVEL SER FEITO NA ÉPOCA E UM POUCO MAIS//
	00:00-00:06 (6s)	Imagens de cobertura a partir de 24:23 até	Fotos: Manchete 6; 8; 9; 11

		24:29	
--	--	-------	--

Data:	Nº fita bruta:	Câmera:	Editor de texto:	Retranca:			
1/10/23	6min12s			IMPrensa LGBT			
Produtor(a) / Pauteiro (a):							
Repórter:							
Ano:	4º	Turma:	NOT	Período	8º	Professor (a):	Juliana Doretto

Take	Seleção	Descrição	Off , Passagem, Sonora
	33: 48 – 34:09 (21s)	Vídeo André Fischer	ACHO QUE VAI FICANDO CADA VEZ MAIS COMPLICADO VOCÊ DIZER O QUE É LGBT QUANDO A GENTE ESTÁ FALANDO DE UMA PUBLICAÇÃO, DE UMA NOTÍCIA// VAI FICANDO CADA VEZ MAIS FLUIDO// EU ACHO QUE TEM UMA MUDANÇA COMPORTAMENTAL MESMO/ NO QUE A GENTE CHAMA DE COMUNIDADE LGBT+//
	7: 50 – 8:00 (10s)	Vídeo Lufe (parte 2)	ACHO IMPORTANTE QUE A COMUNIDADE CONHEÇA SEU PASSADO/ PARA ENTENDER SEU PRESENTE E ASSIM CONSEGUIR

			TRAÇAR SEU FUTURO//
00:00-00:15 (15s)	BG:		VINHETA  (FADE)
2: 37 – 3: 01 (24s)	Vídeo Lufe (parte 1)		O QUE A GENTE PODE DIZER COMO INÍCIO ASSIM/ É NOS ANOS 60/ NA DÉCADA DE 60 COM O JORNALZINHO CHAMADO O SNOB// QUE ERA UMA COISA AMADORA/ VAMOS CHAMAR ASSIM// NÃO ERA UMA IMPRENSA OFICIAL// ERA UMA INICIATIVA DE AMIGOS QUE FAZIAM UM JORNAL POR CONTA PRÓPRIA/ UMA ESPÉCIE DE BOLETIM/ UMA ESPÉCIE DE FANZINE/ NÉ?//
00:00-00:06 (6s)	Imagens de cobertura a partir de 2:46 até 2:52		Fotos: Snob 1;2;3;4
3:25 - 3:47 (22s)	Vídeo Lufe (parte 1)		AGORA OFICIALMENTE MESMO/ SEMPRE É/ O EXEMPLO É SEMPRE O MESMO/ É O LAMPIÃO DA ESQUINA EM 78/ QUE É O PRIMEIRO JORNAL// AÍ SIM/ UM JORNAL FEITO COMO UM JORNAL/ POR JORNALISTAS/ PROFISSIONAIS/ VENDIDO EM BANCA/ DISTRIBUÍDO NACIONALMENTE// ENTÃO/ O PRIMEIRO JORNAL NÃO OFICIAL É O SNOB/ POR ASSIM DIZER/ E O PRIMEIRO JORNAL OFICIAL É O LAMPIÃO//
	Imagens de		

	00:00-00:09 (9s)	cobertura a partir de 3:30 até 3:39	Fotos: Lampião 2; 4; 6; 7; 8; 9
	2:42 - 2:57 (15s)	Vídeo Flávia	É MUITO INTERESSANTE PERCEBER COMO QUE NUM MOMENTO DE TANTA CENSURA/ DE TANTO POLICIAMENTO DAS INDIVIDUALIDADES/ NUM MOMENTO TÃO PESADO/ NESSE MOMENTO SURGEM TAMBÉM LINHAS DE FUGA MUITO IMPORTANTES/ NÉ//
	00:00-00:04 (4s)	Imagens de cobertura de 2:48 até 2:52	Fotos: Violência Ditadura 2; 3; 4
	5:52 - 6:02 (10s)	Vídeo Flávia	MUITO ENGAJADA EM DISCUTIR MESMO A QUESTÃO DA HOMOSSEXUALIDADE/ DO DIREITO/ DA ACEITAÇÃO/ DE IR DESMISTIFICANDO OS PRECONCEITOS QUE INFELIZMENTE EXISTEM ATÉ HOJE SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE//
	5:09- 5:30 (21s)	Vídeo Gean	ISSO VAI MUDAR DEPOIS NOS ANOS 80/ PORQUE A GENTE VAI TER UM MOMENTO ESPECÍFICO QUE É O DA HIV/AIDS// ESSES ESFORÇOS ATIVISTAS QUE A GENTE TEM DE VISIBILIDADE/ DE BUSCA POR CIDADANIA, DE BUSCA POR DIREITOS VÃO SER DESLOCADOS PARA UMA LUTA POR SOBREVIVÊNCIA//



2: 23 – 2:50 (27s)	Vídeo Gean	NOS ANOS 70 PARA OS ANOS 80/ A GENTE TEM ESSE CASAMENTO/ NÃO TEM COMO SEPARAR ATIVISMO LGBT DE CRIAR UMA SENSAÇÃO DE COMUNIDADE// E ESSA CRIAÇÃO DE UMA SENSAÇÃO DE COMUNIDADE PERPASSA MUITO A LÓGICA DE TER UM VEÍCULO INFORMATIVO/ VEÍCULOS JORNALÍSTICOS PARA PODER FALAR DE SI/ PARA MESMA COMUNIDADE//
1:07 - 1:21; 1:23-1:26 (17s)	Vídeo Flávia	OS ANOS 90 É QUANDO COMEÇA A SURGIR AQUELAS REVISTAS MAIS ORGANIZADAS/ NÉ?// A G MAGAZINE E OUTRAS// É UM MOMENTO EM QUE ESSA IMPRENSA GAY MAIS MILITANTE COMEÇA UM POUCO A DIMINUIR //
00:00-00:12 (12s)	Imagens de cobertura de 1:14 até 1:26	Fotos: G Magazine 1; 2; 3; 4; 5; 6
14:26 - 14:50 (24s)	Vídeo Flávia	O QUE A GENTE PERCEBE ENTRE OS ANOS 70 E OS ANOS 90 É QUE AS PAUTAS POLÍTICAS ELAS DEIXAM DE SER AS MAIS IMPORTANTES E COMEÇA A SER MAIS A EXPLORAÇÃO MESMO DA CULTURA DE MERCADO/ ENTÃO COMPORTAMENTO GAY/ CULTURA GAY/ UNIVERSO POP E AS IMAGENS TAMBÉM DOS HOMENS//
00:00-00:07 (7s)	Imagens de cobertura de 14:43 até 14:50	Vídeo corpos masculinos

3:32 – 3:46 (14s)	Vídeo Julio (parte 1)	<p>OLHAR PARA O BABADO/ EU ACHO QUE É OLHAR PARA A DÉCADA DE 90 DE UMA MANEIRA MEIO CALEIDOSCÓPICA// PORQUE O BABADO NÃO SEGUE UMA LEITURA LINEAR/ VOCÊ TEM AS COLUNAS SEPARADAS E TUDO TE CHAMANDO ATENÇÃO AO MESMO TEMPO//</p>
00:00-00:10 (10s)	Imagens de cobertura de 3:36 até 3:46	Fotos: Capa Babado 4;5; Machetes 1;4;6;9
3:34 – 4:03 (29s)	Vídeo Lufe (parte 2)	<p>NA VIRADA DOS 90 PARA OS 2000/ GANHAM FORÇA OS VEÍCULOS DE MÍDIA LGTBTS VIA INTERNET/ SITES/ BLOGS// HOJE A GENTE ESTÁ EM QUE CENÁRIO?/ A GENTE TEM POUCOS SITES LGTB DIGNOS DE NOTA/ A MAIORIA DO QUE A GENTE PODE FALAR DE UMA COMUNICAÇÃO LGTB HOJE É VIA REDE SOCIAL/ CANAL DO YOUTUBE ONDE A COISA É MUITO MAIS NARCÍSICA/ MUITAS VEZES DE QUEM FAZ AQUILO/ DO QUE UM VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO//</p>
00:00-00:07 (7s)	Imagens de cobertura de 3:41 até 3:48	Fotos: Blog gay 1; 3; 4; 6;
19:30- 19: 39 (9s)	Vídeo Gean	<p>ACHO QUE HOJE A PRINCIPAL FORMA DE COMUNICAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO EM QUESTÕES E TEMAS DESSE UNIVERSO VEM DESSES INFLUENCIADORES DIGITAIS//</p>

18:40 – 19:00 (20s)	Vídeo Julio (parte 2)	TEM UM REFLEXO MUITO GRANDE NA MANEIRA COMO ESSAS MÍDIAS ESTÃO SENDO PENSADAS E COMO O NOSSO CONSUMO ESTÁ SENDO PENSADO// É UMA TENDÊNCIA MUITO MAIS INDIVIDUALISTA, ENTÃO A GENTE NÃO ACESSA O JORNAL COM MUITAS COLUNAS/ A GENTE ACESSA O PERFIL DO INFLUENCER//
24:40 – 25:08 (28s)	Vídeo Gean	Os INFLUENCIADORES CONQUISTARAM O PÚBLICO JOVEM// TEM UM TIPO DE LINGUAGEM/ TEM UM ESTILO DE PRODUÇÃO DE CONTEÚDO QUE É MUITO ATRATIVO PARA PESSOAS LGBT QUE ESTÃO NESSA FASE DA DESCOBERTA DA SUA IDENTIDADE DE GÊNERO OU DA SUA SEXUALIDADE// ENTÃO ELES VIRARAM PESSOAS QUE SÃO COMO CONSELHEIRAS/ COMO AMIGAS//
00:00-00:25 (25s)	Imagens de cobertura com som original	Vídeos Louie Ponto; Sair do Armário; Mandy Candy 1
33:03 - 33: 27 (25s)	Vídeo André	ESSE OUTRO FORMATO COM OS INFLUENCIADORES/ A GENTE CHAMA DE IMPRENSA POR TER SIDO O QUE SUCEDEU TALVEZ ESSA IMPRENSA LGBT/ O LUGAR DELA HOJE TEM ESSA COLOCAÇÃO// NÃO SEI SE O MELHOR NOME É IMPRENSA//  TODA FORMA DE APARIÇÃO NA ESFERA PÚBLICA/ SE TRATANDO DE TEMA MINORITÁRIO E DE TEMA QUE A SOCIEDADE

	15:36 - 15:57 (21s)	Vídeo Flávia	HETEROCISNORMATIVA FAZ DE TUDO PRA COMBATER E REPRIMIR É UM ATO POLÍTICO/ NÃO ACHO QUE UM ATO POLÍTICO É SÓ FAZER UMA MATÉRIA LONGA/ COM MUITAS FONTES E CITAÇÕES/ FALANDO SOBRE HOMOSSEXUALIDADE//
--	---------------------	--------------	---

Data:	Nº fita bruta:	Camera:	Editor de texto:	Retranca:
				VINHETA BABADO
Produtor(a) / Pauteiro (a): Oscar Nucci e Julia Facca				
Ano: 4º	Turma:	Período	Noturno	Professor (a): Juliana Doretto

N. Take	Seleção	Tempo	Descrição
---------	---------	-------	-----------

IMAGEM 1	4s	Lupa passa pelas manchetes até achar o “Qual O Babado do Leitor?”
Manchetes	3s	Diversas manchetes do jornal começam a aparecer rapidamente
LOGO + TÍTULO (+ OFF “SUSSURRO”)	3s	Surge a “boquinha” (logo) sussurrando “Que Babado” e ao lado surge o título escrito
<b>ATENÇÃO: A edição só será feita mediante roteiro aprovado e assinado pelo(a) professor(a).</b>		

Data:	Nº fita bruta:	Câmera:	Editor de texto:	Retranca:  PODCAST ELAS POR ELAS
Produtor(a) / Pauteiro (a):				
Repórter:				

Ano:	4º	Turma:	NOT	Período :	8º	Professor (a):	Juliana Doretto
------	----	--------	-----	--------------	----	-------------------	-----------------

Take	Seleção	Descrição	Off , Passagem, Sonora
		OFF 1 (JULIA)	MESMO SENDO O PRIMEIRO JORNAL LGBT DE CAMPINAS/ O BABADO NÃO ERA TÃO INCLUSIVO QUANTO APARENTAVA// AS MULHERES LÉSBICAS POUCO APARECIAM NAS PÁGINAS DA PUBLICAÇÃO// DURANTE OS DOIS ANOS DE CIRCULAÇÃO DO PERIÓDICO/ REGINA BOTTARI E MARIA HELENA DE FREITAS FORAM AS ÚNICAS JORNALISTAS A FAZEREM PARTE DA REDAÇÃO// REGINA LEMBRA-SE COM ORGULHO DO ESPAÇO CONQUISTADO/ JÁ MARIA HELENA DENUNCIA O MACHISMO SOFRIDO//
	7:47 – 8:03 (16s)	Sonora Regina (Vídeo 4 parte 1)	O GRUPO ERA FECHADO/ EU FUI A PRIMEIRA MULHER A QUEBRAR A BARREIRA/ ME ORGULHO DISSO/ ME ORGULHO DAS COISAS QUE EU CONQUISTEI// MAS EU HOJE POSSO

			FALAR COM MUITA SEGURANÇA DE QUE ELES ERAM EXTREMAMENTE MACHISTAS//
	4:45 - 4:59 (14s)	Sonora Lena 1 (Vídeo Parte 1)	ELES ERAM CHATOS PRA CARAMBA/ EU ACHAVA/ MUITO PRECONCEITUOSOS MESMO EM RELAÇÃO ÀS LÉSBICAS//
		OFF (JULIA E OSCAR)	EU SOU JULIA FACCA/ E EU SOU OSCAR NUCCI// ESSE É O ELAS POR ELAS/ UM PODCAST DA REPORTAGEM MULTIMÍDIA QUE BABADO
	0:00 – 0:06	VINHETA	-----
		OFF 2 (OSCAR)	REGINA PASSOU A FREQUENTAR A CENA LGBT DE CAMPINAS AO DESCOBRIR SUA SEXUALIDADE/ E ASSIM ENCONTROU O GRUPO EXPRESSÃO/ QUE JÁ TINHA POUCO MAIS DE UM ANO DE EXISTÊNCIA / E ERA RESPONSÁVEL PELA PRODUÇÃO DO BABADO// COMO JÁ ESCREVA ALGUMAS CRÔNICAS/ ELA QUIS SE JUNTAR AO JORNAL / E ASSIM SE TORNOU A PRIMEIRA MULHER A FAZER PARTE DA PUBLICAÇÃO/ LOGO EM SUAS PRIMEIRAS EDIÇÕES//
	9:11 - 9: 19 (8s)	SONORA REGINA 2 (Vídeo 1 parte 1)	QUANDO EU CHEGUEI/ ELES FICARAM ASSOMBRADOS// FALARAM: “NOSSA, MAS MULHER? POR QUÊ?”// PORQUE AS MULHERES NÃO SE EXPUNHAM COMO OS HOMENS SE EXPUNHAM//
		OFF 3 (OSCAR)	QUANDO CHEGOU À REDAÇÃO DO BABADO/ REGINA SE DEPAROU COM UM CENÁRIO POUCO RECEPTIVO E

	3:56 – 4:27 (31s)	Sonora Regina 3 (VÍdeo 4 parte 1)	<p>DOMINADO PELO MACHISMO// NESSA CONFIGURAÇÃO/ SEUS TEXTOS MUITAS VEZES ERAM BARRADOS PELOS HOMENS QUE LIDERAVAM A EQUIPE//</p> <p>EU ACHO QUE EU LEVEI UNS 5 OU 6 MESES PARA CONSEGUIR COLOCAR O MEU PRIMEIRO TEXTO E ELES ACEITAREM// PRIMEIRO ELES ACHAVAM QUE ERA SENTIMENTAL DEMAIS/ QUE O JORNAL ERA PARA PÚBLICO MASCULINO GAY/ QUE OS ANUNCIANTES PODERIAM NÃO GOSTAR// ENFIM/ ELES BOTAVAM MIL COISAS/ E SÓ DEPOIS DE ALGUM TEMPO EU CONSEGUI ME FIRMAR COMO REDATORA//</p>
		OFF 4 (JULIA)	<p>MESMO COM A ENTRADA DE REGINA/ A FORMA COMO O BABADO REPRESENTAVA AS LÉSBICAS DEIXAVA CLARO QUE A PUBLICAÇÃO AINDA PRECISAVA PASSAR POR MUDANÇAS PARA SE TORNAR INCLUSIVA// UM DOS MAIORES EXEMPLOS DISSO É O TEXTO “AS CAMINHONEIRAS”/ PUBLICADO EM NOVEMBRO DE 1997/ EM QUE O PRECONCEITO CONTRA A COMUNIDADE LÉSBICA É ESCANCARADO/ O TEXTO REFORÇAVA ESTEREÓTIPOS E DISTRIBUÍA OFENSAS ÀS MULHERES HOMOSSEXUAIS//</p>
		OFF 5 (EFEITO DE VOZ EM ECO) (OSCAR)	<p>O GRANDE MAL DA MAIORIA DAS LÉSBICAS É QUERER SE TORNAR A MAIS MACHONA POSSÍVEL// SE MENSTRUÇÃO/ PARA AS RACHAS É UM VERDADEIRO PAVOR/ PARA AS SAPAS É O PRÓPRIO DEMO ENCARNADO/ POIS UMA VEZ POR MÊS ELAS SE LEMBRAM QUE TODA AQUELA PINTA DE MACHÃO NÃO É</p>



			NADA/ POIS ELAS SÃO MULHERES MESMO
		OFF 6 (JULIA)	PARA CAIO MAIA/ PESQUISADOR ESPECIALIZADO NOS ESTUDOS DA IMPRENSA LÉSBICA/ O TEXTO É UMA TENTATIVA EQUIVOCADA DE FAZER COMÉDIA ÀS CUSTAS DAS MULHERES//
	26: 25 – 26: 51 (26s)	SONORA CAIO 1 (Caio Parte 2)	NO NÍVEL DAQUELE TEXTO... NOSSA É UM NEGÓCIO QUE É SURREAL/ NÉ?// E O PIOR É QUE TU SENTE QUE ELE ESTÁ TENTANDO DE ALGUMA MANEIRA SER ENGRAÇADO/ E NO FINAL É TIPO: “É ISSO/ VIVA AS LÉSBICAS”// MEU DEUS/ O QUE ESTÁ ACONTECENDO AQUI?// FORA QUE O TÍTULO É AS CAMINHONEIRAS/ MAS VOCÊ VAI LENDO E VÊ QUE SÃO AS LÉSBICAS/ COMO SE TODAS AS LÉSBICAS FOSSEM CAMINHONEIRAS//
		OFF 7 (JULIA)	COM ESSE CENÁRIO / REGINA BUSCOU REFORÇOS PARA COMBATER O MACHISMO NA PUBLICAÇÃO/ ELA RECRUTOU UMA AMIGA QUE HAVIA CONHECIDO EM UM PROTESTO ORGANIZADO PELO GRUPO EXPRESSÃO: MARIA HELENA//
	12:13 – 12:30 (17s)	SONORA REGINA 4 (parte 1)	EU SEMPRE DEIXEI AS PORTAS ABERTAS/ MAS A ÚNICA QUE APARECEU FOI A MARIA HELENA// E PORQUE EU FUI BUSCAR ELA EM CASA// EU FUI ATRÁS DELA E FALEI: LENA/ VOCÊ TEM QUE ME AJUDAR A MUDAR ESSE JORNAL/ VAMOS ESCREVER PRA ESSE JORNAL// DAÍ EU PEDI UM ARTIGO PRA ELA/

	<p>1:04 - 1:24 (20s)</p>	<p>OFF 8 (OSCAR)</p> <p>SONORA REGINA 9</p> <p>(entrevista 4 parte 1)</p> <p>OFF 9 (OSCAR)</p>	<p>NO BABADO/ ASSIM COMO EM OUTRAS PUBLICAÇÕES GAYS/ ERA COMUM QUE OS COLUNISTAS USASSEM PSEUDÔNIMOS PARA ASSINAR SEUS TEXTOS //APESAR DO FORTE MACHISMO PRESENTE NA REDAÇÃO/ A MAIORIA DOS MEMBROS DO JORNAL RECORRIA/ IRONICAMENTE/ A ALTER EGOS FEMININOS// REGINA / NO ENTANTO /SE RECUSAVA A SE ESCONDER POR TRÁS DE UM NOME FICTÍCIO//</p> <p>EU JÁ ERA CONHECIDA COMO CRONISTA/ COMO REGINA BOTTARI// ENTÃO NÃO VI PORQUE NÃO FAZER ISSO NO BABADO// QUANDO EU VI QUE NINGUÉM COLOCOU O NOME// FALEI: 'AH/ EU VOU PÔR'// PORQUE FOI TÃO DIFÍCIL PARA EU ENTRAR/ ENTÃO EU ENCAREI ESSA/ NÃO TINHA NADA A TEMER//</p> <p>A CORAGEM DE REGINA NÃO SE LIMITAVA APENAS AO BABADO// ELA CHEGOU A APARECER EM REDE NACIONAL/ AO FAZER PARTE DE UMA MATÉRIA DO FANTÁSTICO / DA GLOBO / SOBRE A FAMA DE "CIDADE GAY" QUE CAMPINAS CARREGAVA// A COLUNISTA FOI A ÚNICA DO JORNAL A ACEITAR PARTICIPAR DA REPORTAGEM/ APÓS UM PEDIDO DE FERNANDO TAMBOLATO / COFUNDADOR DO GRUPO EXPRESSÃO</p> <p>NINGUÉM QUIS FAZER ESSA MATÉRIA// O FERNANDO LIGOU PARA MIM E FALOU: OLHA/ O MAURÍCIO KUBRUSLY TÁ LÁ NO EXPRESSÃO/ ELE TÁ PROCURANDO ALGUÉM PARA FAZER A MATÉRIA MAS NINGUÉM QUER APARECER/ VOCÊ NÃO QUER APARECER?// EU FALEI: AI/ EU VOU//A GENTE ESCREVEU A MATÉRIA, UMA AMIGA MINHA QUE É HISTORIADORA</p>
	<p>30: 54 – 31: 42 (48s)</p>	<p>Sonora Regina 10 (entrevista 4 parte 1)</p>	

		OFF 10 (JULIA)	VALIDOU A MATÉRIA// E APARECEU NO FANTÁSTICO EU EXPLICANDO JUNTO COM ESSA MINHA AMIGA//  O ÁPICE DA TENSÃO ENTRE AS REDATORAS E O GRUPO DE HOMENS DO BABADO OCORREU QUANDO REGINA SUGERIU UMA EDIÇÃO VOLTADA PARA O MÊS DA MULHER/ COM DIREITO A DUAS LÉSBICAS SE BEIJANDO NA CAPA/ EM MARÇO DE 1998// A IDEIA FOI ACEITA COM RELUTÂNCIA//
	24: 15 – 24: 42 (27s)	SONORA REGINA (entrevista 4 parte 1)	FOI UM PARTO CONSEGUIR ESSA CAPA// ESSA CAPA/ ELES COLOCARAM ATÉ OS PATROCINADORES NO MEIO// QUE OS PATROCINADORES NÃO IAM TOPAR TER UMA MULHER NA CAPA/ QUE NÃO IAM GOSTAR DISSO/ QUE IA PEGAR MUITO MAL/ E FOI UMA LENGALINGA// ESSA CAPA SAIU NOS 47 DO SEGUNDO TEMPO//
	11:22 - 11: 35 (13s)	SONORA MARIA HELENA parte 2	FAZER AQUELA EDIÇÃO FOI MUITO DIFÍCIL/ E DEPOIS ELES AINDA DISSERAM QUE NÃO TEVE SAÍDA PORQUE TINHA MULHER NA CAPA//
		OFF 11 (JULIA)	NA ÚLTIMA HORA/ OS HOMENS DESCUMPRIRAM O COMBINADO// E A EDIÇÃO FOI PUBLICADA COM APENAS UMA MULHER NA CAPA/ELA POSAVA COM UMA DAS MÃOS NO JOELHO E/ COM A OUTRA/ SEGURAVA UM CIGARRO// DEPOIS DESSE EPISÓDIO/ A SITUAÇÃO SE TORNOU INSUSTENTÁVEL PARA MARIA HELENA/ QUE OPTOU POR DEIXAR A PUBLICAÇÃO//
	15:09 - 15: 18 (9s)	SONORA MARIA HELENA parte 2	DIZER QUE ERA CULPA DELES?// SIM/ UM POUCO DE CULPA DELES/ PORQUE ELES NÃO QUERIAM SAIR

	11: 36 – 12: 04	OFF 12 (JULIA)	<p>DAQUILO/ NÃO QUERIAM VENCER O PRÓPRIO MACHISMO//</p> <p>MESMO DIANTE DESSE CENÁRIO/ REGINA BOTTARI FICOU NO BABADO POR MAIS TRÊS EDIÇÕES/ COM O CARGO DE EDITORA-CHEFE DA PUBLICAÇÃO/ TÍTULO QUE CONQUISTOU/ PORQUE NINGUÉM QUERIA ASSUMIR A FUNÇÃO//</p>
		SONORA REGINA (Entrevista 2)	<p>NÃO FEZ DIFERENÇA NENHUMA PARA MIM/ FOI SÓ COLOCAR O NOME LÁ// PORQUE ELES FAZIAM TUDO// EU CONTINUEI SÓ OBEDECENDO O QUE ELES FAZIAM//</p>
		OFF 13 (OSCAR)	<p>A LUTA DAS MULHERES NAS PÁGINAS DO BABADO/ TEM RELAÇÃO COM O SURGIMENTO DA IMPRENSA LÉSBICA/ COMO LEMBRA CAIO MAIA/PESQUISADOR DO JORNALISMO GAY</p>
	20:25- 20: 35 (10s)	SONORA CAIO MAIA (Caio Parte 2)	<p>A PRÓPRIA FORMA DE ORGANIZAÇÃO DA IMPRENSA LÉSBICA COMO ESPAÇO SEPARADO É PARA RECONHECER ISSO: “OLHA/ SE A GENTE CONTINUAR TENTANDO CAVAR ESPAÇO LÁ/ NUNCA VAI FUNCIONAR DO JEITO QUE A GENTE QUER”//</p>
		OFF 14 (OSCAR)	<p>AS PRIMEIRAS PUBLICAÇÕES UNICAMENTE LÉSBICAS SURGEM APENAS NOS ANOS 80/ 20 ANOS DEPOIS DA CRIAÇÃO DO PRIMEIRO VEÍCULO GAY// E CRESCEM EXPONENCIALMENTE NOS ANOS 90//</p> <p>DE MANEIRA SEMELHANTE / A EXPERIÊNCIA VIVIDA PELAS MULHERES NO BABADO FEZ COM QUE ELAS SE ORGANIZASSEM POLITICAMENTE E PASSASSEM A</p>

	<p>27:09 – 27:36 27:41 – 28:03 (39s)</p>	<p>OFF 15 (JULIA)</p> <p>SONORA MARIA HELENA parte 2</p> <p>OFF 16 (OSCAR)</p>	<p>OCUPAR ESPAÇOS DE MAIOR DESTAQUE// A PARTIR DA SUA PARTICIPAÇÃO NO GRUPO ATIVISTA LGBT IDENTIDADE/ CRIADO POR EX-MEMBROS DO BABADO/MARIA HELENA FUNDOU O MOLECA/ DO QUAL APENAS MULHERES HOMOSSEXUAIS PODIAM PARTICIPAR/</p> <p>NO PRÓPRIO IDENTIDADE/ EU COMECEI A CONHECER OUTROS GRUPOS//ASSOCIAÇÕES NACIONAIS/GRUPOS DE SÃO PAULO/LÉSBICAS MILITANTES DO BRASIL//FORAM ME CONVENCENDO A CRIAR UM GRUPO SÓ DE MULHERES/OU PELO MENOS TER UM GRUPO SÓ DE MULHERES NO IDENTIDADE// ATÉ QUE/ COM OUTRAS MULHERES DO IDENTIDADE NÓS ACABAMOS CRIANDO O MOLECA/ E O MOLECA ESTRITO PARA MULHERES// BOM.. FOI BEM LEGAL//</p> <p>PARA CONFERIR O TEXTO “AS CAMINHONEIRAS” NA ÍNTEGRA E SABER MAIS SOBRE O BABADO, CONFIRA NOSSO SITE/ QUE BABADO CAMPINAS PONTO COM PONTO BR/ E NOSSO INSTAGRAM/ ARROBA QUE BABADO CAMPINAS</p>
--	--	--	---

## Autorizações de imagem

### AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

#### AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Julio Teodoro da Costa, Brasileiro, Solteiro, RG .10990135-0,  
residente e domiciliado à rua Senador Xavier da Silva, 80, São  
Francisco, Curitiba, Paraná, CEP: 80530-022.

**AUTORIZO**, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a **ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 08 de Novembro de 2023



.....  
( assinatura )

Autorização de imagem Julio Teodoro

**AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM****AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM**

Eu, Gean Oliveira Gonçalves.....  
(nome)

Brasileiro..... Solteiro....., RG 47.195.044-0 (SSP/SP)  
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à Rua João Martins Ribeiro Filho, 114 - Apto. 43.....  
(rua ou avenida e número)

Butantã..... São Paulo..... São Paulo..... 05540-040  
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

**AUTORIZO**, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a **ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 16 de novembro..... de 2023

  
.....  
(assinatura)

Autorização de imagem Gean Gonçalves

## AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

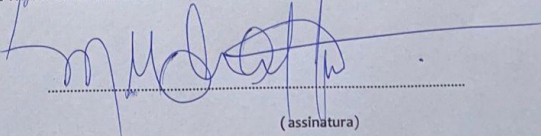
**AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM**

Eu, Maria Helena de Almeida FREITAS,  
(nome)  
Brasileira, solteira, RG 36780984-9  
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à condomínio Alto da Boa Vista 206-4-10  
(rua ou avenida e número)

Sobradinho, Brasília, DF, 73130900  
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a **ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 04 de setembro de 2023  
  
(assinatura)

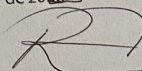
Autorização de imagem Maria Helena Freitas



## AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

**AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM**Eu, Regina Maria Bottari.....  
(nome)Brasileira....., RG 15.111.812.....  
(Nacionalidade) Casada (Estado Civil)residente e domiciliado à Rua Vinte e Nove, Bloco C, apto. 1002.....  
(rua ou avenida e número)Brasília - DF - 71925-360.....  
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

**AUTORIZO**, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a **ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 09..... de Outubro..... de 2023

(assinatura)

Autorização de imagem Regina Bottari

## AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

## AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, **Caio Maia de Aguiar** .....,  
(nome)


**Brasileiro**....., **solteiro**..., RG **35.877.428-9**.....,  
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à **Praça Marechal Deodoro, 390/apto 81**.....  
(rua ou avenida e número)

**Centro**....., **São Paulo**....., **SP**....., **01150-010**.....  
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

**AUTORIZO**, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a **ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, ..31.. de ....**agosto**..... de 20**23**..

 Documento assinado digitalmente  
**CAIO MAIA DE AGUIAR**  
 Data: 31/08/2023 18:47:07 -0300  
 Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

.....  
(assinatura)

Autorização de imagem Caio Maia

## AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

**AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM**

EU, EDUARDO GREGORI,  
(nome)  
PORTUGUESA, CASADO, RG 3259 8697 PT  
(Nacionalidade) (Estado Civil)  
 residente e domiciliado à PRACETA DR. BARBOSA DO BOCAGE  
8,7D (rua ou avenida e número)  
LARANJEIRO ALMADA SERUBAL/PORTUGAL  
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a **ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 4 de setembro de 2023



(assinatura)

Autorização imagem Eduardo Gregori

**AUTORIZAÇÃO DE CESSÃO DE IMAGEM****AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM**

Eu, FLÁVIA HELENA SANTOS PÉRET,  
(nome)

...BRASILEIRA, casada, RG. MG 7 610-813  
(Nacionalidade) (Estado Civil)

Residente e domiciliado à Avenida do Contorno,  
2244/302/Floresta, Belo Horizonte, Minas Gerais,  
cep: 30110-012  
(rua ou avenida e número)

.....

.....

(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

**AUTORIZO**, atítulo gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a

**ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DAPUC-CAMPINAS**, agravar

e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Belo Horizonte, 28 de Agosto de 2023.

..... *Flávia Péret*  
.....  
.....

(assinatura)

**AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM****AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM**

Eu, Lufe Steffen, brasileiro, solteiro, RG 26.242.500-2, residente e domiciliado à Rua Gaivota 436 ap61, Moema, São Paulo, SP, 04522-031, **AUTORIZO**, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a **ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

São Paulo, 15 de novembro de 2023



.....  
(assinatura)

Autorização de imagem Lufe Steffen

**AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM**

Eu, Paulo Reis do Santo  
(nome)

Brasileira casado RG 5.503.331-8  
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à Rua Taqer Pasos, 261  
(rua ou avenida e número)

J.D. Da Esperança, Campinas, S. Paulo, 13091-513  
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

**AUTORIZO**, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o **CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 05 de Agosto de 2023

Paulo Reis do Santo  
(assinatura)

Autorização de imagem Paulo Reis

**AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM**

Eu, PAULO TAVARES MARIANTE  
(nome)

BRASILEIRO SOLTEIRO RG 57205090-2  
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à RUA DR. QUIRINO # 256 P. 84  
(rua ou avenida e número)

CENTRO CAMPINAS SP 13015-030  
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o **CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 11 de AGOSTO de 2023

Paulo Marante  
(assinatura)

Autorização de imagem Paulo Marante

## AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

### AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Andre Fischer, brasileiro, solteiro, RG 22833429-9, residente e domiciliado à Rua Agissê 72, Vila Madalena, São Paulo/SP, 05439-010 **AUTORIZO**, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 27 de novembro de 2023



1